

Diário do Alentejo

EDIÇÃO SEMANAL

Jornal Regionalista Independente



ANO LIV — II SÉRIE — N.º 183
PREÇO 25\$00

Director JOÃO PAULO VELEZ

DE 25 A 31 DE OUTUBRO DE 1985
PUBLICA-SE AS SEXTAS-FEIRAS

Congresso sobre o Alentejo de hoje a domingo em Évora

■ PÁGINA 5 E EDITORIAL



SEMEANDO NOVOS RUMOS

Arbitragem
bejense
em destaque:
Rosa Santos
na Austrália
e Veiga Trigo
em Moscovo

■ PÁGINAS 15 E 16



Produtores de tomate e trabalhadores da «Consol» têm-se repetidamente dirigido às agências bancárias de Beja para verem liquidados os montantes que lhes são devidos

«Consol» paralisou a laboração

- EDP cortou energia
por acumulação de dívidas

O regresso
de D. Amélia

■ PÁGINA 12

Nesta edição

Quem são
os cabeças
de lista
aos municípios
dos três
distritos
alentejanos

■ PÁGINAS 8/9

editorial**Levar o Alentejo até Portugal**

O Alentejo hoje como no passado é uma região votada ao esquecimento das autoridades e organismos centrais. A despeito dos seus vastos recursos naturais, é dada da planície do sul uma imagem de pobreza e progressiva desertificação.

Rejeitando tais fatalismos, a realidade mostra-se outra: o Alentejo tem possibilidades de se transformar numa região bem diferente. Essa mudança passa para os alentejanos e todos quantos se interessam pelo destino da mais extensa região do país por uma reflexão sobre a realidade existente e sobre as possibilidades reais de desenvolvimento. Com uma ressalva apenas: essa modificação não deve ser encarada apenas numa perspectiva economicista (que tantos e tão graves erros já provocou noutros pólos de desenvolvimento do país) mas contemplando as vincadas cultura e modo de viver do povo transtagano.

É este debate que hoje mesmo vai ter início em Évora no Congresso sobre o Alentejo. É a primeira vez na história da região que todo este espaço entre Nisa e Odemira vai se analisado, debatido e equacionado por um conjunto de pessoas desde o investigador científico ao dirigente de uma colectividade de recreio, desde o sindicalista ao técnico especializado.

A ideia de fazer um congresso sobre o Alentejo (e não do Alentejo para que todos os interessados, independentemente da sua maior ou menor ligação directa à região, possam intervir) é antiga. Dir-se-ia tão antiga quanto no nosso século se começou a tornar aguda a consciência da marginalização a que a região se encontra sujeita. Mas só agora ela se torna possível.

Em democracia não há cidadãos de segunda, não há regiões de segunda. Os alentejanos têm direito a que a sua terra possa merecer a atenção que lhe é devida, a plena consideração do que pode oferecer ao país a que sempre se sentiu profundamente vinculado e que em tantas circunstâncias sempre ajudou a defender.

Pode dizer-se pelo número de inscritos e pelo teor das comunicações apresentadas que o Congresso é já um êxito ultrapassando as melhores expectativas dos seus organizadores. Esta resposta representa a verdadeira «sede» que existe da parte de personalidades e sectores muito diferenciados em alertar Portugal inteiro para uma situação que não pode continuar: o Alentejo não só deve como tem todas as condições para se desenvolver, densificar-se em vez de se desertificar.

Desde a primeira hora que o «Diário do Alentejo» apoiou este iniciativa. Mesmo antes de se ter realizado a primeira reunião da sua Comissão Promotora (de que faz parte) em 18 de Fevereiro deste ano, o nosso jornal se pronunciara já várias vezes pela necessidade imprescindível de um tal debate. Empenhamo-nos na sua preparação descentralizada e teremos a mesma atitude na divulgação dos seus trabalhos.

Como órgão regionalista tem-no cabido uma missão quase idêntica à deste forum: alertar, alertar, alertar. Somos contra o fatalismo que parece querer de novo instalar-se em muitos de que o Alentejo está condenado. Não está. Existem potencialidades e recursos naturais extraordinários. No solo, no subsolo, Nas águas dos rios, na inteligência de tantos homens, na coragem e espírito de sacrifício de tantos alentejanos, na sensibilidade e criatividade de tanta gente. Existem projectos, grandes e pequenos, que podem ser concretizados. Falta tomar consciência colectiva desta força gigantesca e fazê-la tornar-se movimento.

Estamos certos que o grande encontro que hoje começa em Évora irá fazer transbordar a região e fazer chegar o seu eco aos portugueses de todos os pontos do país. Dizer-lhes que também na vasta planície do sul se pode ajudar a construir um país melhor. O Alentejo pode contribuir para o desenvolvimento do país tornando-se numa região próspera em que o seu povo consiga também a dignidade que lhe é devida.

Recordando o meu amigo...

Daniel Nobre Mendes

São as lágrimas teimosas que rolam como gotas de ácido sulfúrico ante este filme silente que é o de recordar, num ápice, todas as furtivas imagens que integram um certo e particular roteiro sentimental... Que ninguém tem nada a ver com isso — que ninguém tem mesmo nada a ver com isso, escreveria, se não tivesse perdido já o pudor da minha própria intimidade, devo confessá-lo, pois, jamais um filho, se engronhará, de tornar pública a afirmação sentida da sua paternidade.

Na verdade, António Carvalho Monteiro foi meu pai educador, meu pai, quem cimentou e ergueu, desde a tenra meninice o alicerce de muitas e muitas motivações que haveriam de vir a formar uma grande parte da massa de que sou feito; meu pai espiritual e grande amigo, de quem recebi uma grande lição, meu mestre, aquele quem rasgou os caminhos da liberdade mental, o amor e a paixão do bem, a solidariedade entre os homens, a fraternidade universal, a fortaleza frente aos embates da vida e também... a chorar sentidamente.

E tudo deveria ter começado quando nasci nesta terra atrasada, provinciana, estigmatizada por enormes diferenças sociais — terra dos latifúndios e dos jornadeiros chibatados pelo chicote dos anos feudais; eu era um menino, a quem prodigalizava festas de uma santa ternura, como se de um netinho se tratasse e lá em casa a porta estava sempre aberta para me receber e para me dar — dar por amor, por verdadeira bondade solidária, ao contrário daquele vil sentimento católico de caridade, interessado em se promover a si mesmo — quanto mais ofende o ofendido, mais dividendos engrossam o seu poder deletério; eu recebia, desde um carinho quente e delicado até aos mimos que entusiasmam todas as crianças.

Quando chegavam as canículas de Julho e Agosto, todos os dias e não sei quantas vezes, lá estava eu caído à volta de uma grade de pirolitos geladinhos e aquilo era sorvê-los até ficar de barriga cheia e por fim, fazia sempre a maroteira traquina: quebrava as garrafas e surripilhava aqueles arraióis de vidro que eram os encantos das brincadeiras que depois tinha com outros putos; e aquelas enormes laranjinhas da «baía», que não cabiam nas minhas mãozitas, aquele pão quente com linguiça descendente, cheio de buraquinhos no miolo para a minha língua gulosa, os chocolates e os bolos — a enorme ternura dos grandes olhos limpidos, onde relamejavam as fáscias da esperança no homem novo para viver num mundo melhor...

Mas o meu amigo está morto e o bafo quente daquela casa condensa-se no vidrado embaciado de tudo o que hoje é já um sonho longínquo, perdido, impossível...

No quintal da casa onde morei havia um pequeno arbusto de Erva-Luísia, que eu depenava até ao último raminho e de que fazia pequenos ramalhetes para ir «vender» lá a casa; cada um rendia sempre cinco escudos: era uma festa rija, que me fazia crescer; depois, a Teresinha, nas férias, quando vinha a Beja ia, pelas manhãs de Primavera ou de Verão buscar-me a casa e levava-me para o jardim, aos balouços e cavalinhos e lia-me histórias que me entusiasmavam e enchiham a imaginação de criança. Era tão bom! No regresso, almoçava lá em casa e até, às vezes, adormecia.

Mas o meu amigo está morto e o que escrevo só me interessa a mim, visto que ninguém tem nada a ver com isto que adocou os tempos em que fui uma criança, por onde passam as imagens ternas como se numa tela se esbatesssem sombras fugidas e em contraste, permanecesse somente uma viva cor, feericamente incomodativa...

O que me interessa a mim é o conteúdo secreto da emoção que se transforma em palavras pouco importantes para quem não pode experimentar esta vivência de ter um amigo morto — que me ajudou a ser homem!

Desde muito novo António Carvalho Monteiro abraçou os ideais da República, da Democracia e da Liberdade, pelos quais lutou até ao seu desaparecimento físico, sem tibiez, tergiversações, com desassombro exemplar, pundonorosamente e sempre igual a si mesmo!

Contava-me que corria, por volta dos sete anos, até à Rua da Cadeia Velha para comprar «O Mundo», que depois, ia depositar nas mãos do seu avô e que este, arrebatado, lhe vinham as lágrimas aos olhos...

Pela vida fora haveria de vir a marcar sempre a mesma íntegra posição nas duras batalhas da Liberdade e da Democracia, tercendo, intemerato, as armas de uma grande lealdade na prossecução dos ideais que sempre lhe determinaram uma conduta irrepreensível.

Anti-salazarista-marcelista, antifascista da primeira linha e da mais pura água, jacobino anticlerical, como se comprazia, dos mais autênticos e sinceros que conheci, estava sempre na dianteira dos intrépidos combatentes dessa besta sanguinária que, durante mais de meio século nos esmagou colectivamente, como um povo embrutecido e algemado, analfabeto, idiotizado e fanatizado — como um povo envergonhado!

Alinhou sempre nos movimentos democráticos, antes de 1928 até depois de 25 de Abril de 1974 e fê-lo com ardor, verdade e independência morais.

Marca a nossa memória o eco das campanhas de Norton de Matos ou Humberto Delgado e Arlindo Vicente, às quais deu um contributo, e apoio desmedidos e desinteressados.

Quem se recorda da campanha pública para a aquisição da nova rotativa do jornal «República» e do plebiscito popular em que se transformou essa campanha e das acções que Carvalho Monteiro teve na altura? Quem se lembra das prisões, dos assaltos domiciliários, das perseguições, do vilipêndio a que este homem foi sujeito nos terríveis tempos da negridão fascista? — Todos nos lembramos!

António Carvalho Monteiro foi um homem apaixonado, que durante largos anos reuniu à sua volta outros homens que alimentavam o fogo ardente de manter viva uma certa maneira de convivência social e democrática, tão odiada e reprimida pelos caciques facinoras do fascismo; a Praça da República era como que a ribalta dessa viva convivência resistente.

Quem se lembra da «Pucarinha» e do velho Rosa, mordente crítico da padralhada anafada e bufeta que pactuava com legionários e pides, roçando os lustrosos paramentos nos assentos dos bancos da praça para delatar e espionar todos os movimentos dos democratas? Afirmo ter sido a «Pucarinha»

um local de encontros políticos e animadas conversas da Oposição Democrática ao regime torcionário fascista; lá, se reuniam as figuras interessantes da época, como Luciano Aresta Branco, Manuel Júlio Carrusca, Melo Borges, Gonçalves Correia, o professor Palma, Henrique Silva e ainda outros lutadores que conheci e de quem fui amigo — homens de formação diversa mas todos empenhados no derrubamento do regime terrorista.

Era vê-los, a deambular, naquelas noites soalheiras de Agosto, para lá e para cá, no tabuleiro empedrado da Praça da República, em ritual de acesas cavaqueiras ou de explosivas discussões políticas — como que um fanal brilhante a assinalar a resistência de velhos combatentes da liberdade durante anos e anos do nosso espezinhamento colectivo; António Carvalho Monteiro foi um homem apaixonado, escrevia — apaixonado na defesa do seu ideário republicano e democrata e também pelos seus companheiros até à dâdiva total de todo o seu ser; destes, que me lembro, foram António Palma Mira, companheiro de deportação e de masmorra e Sebastião Encarnação Júnior, redactor de «República», aqueles por quem lhe assisti rolar as mais grossas e sentidas lágrimas de amargurada perda.

Este homem foi um desesperado amante dos seus amigos!

António Carvalho Monteiro foi durante toda a sua vida um baluarte na luta antifascista pelas conquistas da Liberdade Política e da Democracia Socialista no sentido mais puro e genuíno dos seus conceitos teóricos, que afinal, só existem nos livros e galvanizam os sonhadores românticos e os apaixonados que perseguem um puro ideal de fraternidade humana; mas talvez toda a sua vida e toda a sua luta tivessem sido vividas pelo direito que as pessoas têm, elas próprias, de ser os verdadeiros artesãos das suas opiniões; lembro-me de acalorados debates sobre «Liberdade de Pensamento», «Ditadura», «Sufrágio Universal», «Informação» — um ror dos aspectos político-teóricos, em relação aos quais sempre fez finca pé e isto, de um modo muito pessoal, vigorosamente, colocando sempre e sempre, acima de tudo, o direito que todos têm, embora comprometidos, de manter a sua própria independência mental, moral e física, pois, entendia, que só a liberdade é o apanhado de todas as criatividades e o sagrado leite que se bebe aos seios opulentos da vida — da vida que viveu com grande coragem, desassombro, lucidez, jovialidade, irrepreensivelmente — até ao fim.

Tinha um peito forte e largo, sem manchas; tinha nas costas possantes algumas cicatrizes...

Estou enlutado porque o meu amigo está morto!

A pena dos outros

DR. OLIVEIRA SALAZAR

Para a celebração de 3 missas por alma do grande Português, que foi o Dr. António Oliveira Salazar, ofereço 1 000\$00.

J. R.

Estas missas foram celebradas na Sé.

in «Jornal do Sul» (Beja), 9/10/85.

(...) Haja vergonha e respeito pela Nossa Bandeira!

Não há um Homem em Portugal, com autoridade suficiente para impor o respeito pela Bandeira Nacional?

Se não há...

Então Homem em Portugal, é um equívoco!

M. M. T., in «Jornal do Sul» (Beja), 16/10/85.

Que és um homem de [bem] Nada deves a ninguém Tinhas salários em dia Havia prazer e alegria O País estava em aumento

Com altos conhecimentos Dos grandes empresários Para sairmos do calvário Quero ir ao Parlamento Domingos Capucho, in «Jornal do Sul» (Beja), de 16/10/85.

Amigos leitores. Sendo a nossa situação muito preocupante, esta semana porém, é de dar Graças a Deus pela ajuda recebida, pois do Céu vieram 100 contos.

(...) Em face destes números tão preocupantes que põem em risco a vida do Jornal, e depois de meditarmos sobre eles, apresentamos aos nossos amigos e protectores no Céu o nosso grave problema(...).

(...) se desde há 20 anos temos recorrido ao Senhor D. José (sempre com êxito — graças a Deus), agora que estes amigos já são dois, visto que desde há um ano contamos também com a ajuda de Monsenhor Deão — este também um verdadeiro Santo — pois os dois viviam com entusiasmo o dia a dia deste Jornal (...).

(...) Assim, esta semana, precisamente no mês em que comemoramos os 20 anos no Céu um, e o primeiro ano de outro. Eles tocaram no coração generoso de alguns seus amigos e eis que estes, como que implorados por algo, que só nós compreendemos e sabemos, se nos dirigiram com as suas ofertas para que o jornal não acabe. In «Jornal do Sul» (Beja), 16/10/85.

Volta Champalimaud

Congresso sobre o Alentejo começa hoje

O Congresso sobre o Alentejo — a primeira iniciativa do género alguma vez realizada na região — inicia hoje em Évora os seus trabalhos (que se prolongarão até domingo) com uma sessão plenária que decorrerá a partir das 18 horas no Teatro Garcia de Resende.

Cerca de 500 inscritos residentes no Alentejo, nele nascidos ou apenas interessados no devir da mais extensa região do país, participam numa iniciativa que excede as melhores expectativas dos seus 17 organismos promotores.

O enorme número de comunicações aguardadas (foram entregues 170 sumários) levou os organizadores a optarem pelo funcionamento do Congresso em secções. Em várias salas da Universidade de Évora funcionarão 12 mesas — 1. Ensino e Cultura; 2. História e Sociedade; 3. Património; 4. Comunicação Social; 5. Ambiente e Ecologia; 6. Recursos Vivos; 7. Agroecologia; 8. Recursos Humanos e investigação; 9. Recursos Mineiros e Energéticos; 10. Agricultura e Estrutura Fundiária; 11. Grandes Projectos; 12. Regionalização e Desenvolvimento. Algumas destas mesas funcionarão durante um dia inteiro enquanto outras, com menos número de comunicações previsto, só durante meios dias. O período máximo para apresentação de cada comunicação é de dez minutos, havendo em cada mesa um tempo reservado ao debate. As primeiras quatro mesas registam 76 comunicações, as cinco seguintes um total de 44 comunicações e as últimas três mesas têm 50 comunicações previstas. A sessão de encerramento decorrerá entretanto a partir das 15.30 horas de domingo no Teatro Garcia de Resende a ela podendo assistir o Presidente da República ou um seu representante em caso de absoluto impedimento do

general Ramalho Eanes.

«NÃO SERÁ CONGRESSO MORNO»

Na passada semana, a Comissão divulgou todo o programa durante uma conferência de imprensa realizada na Casa do Alentejo, em Lisboa. Nesse encontro participaram os vereadores da Câmara de Évora, João Andrade Santos e Joaquim Mendes, o presidente da Câmara de Sines, Francisco Pacheco, o dirigente da Casa do Alentejo Vitor Paquete e o director do «Diário do Alentejo», João Paulo Vieira.

Na conferência de imprensa foi sublinhado que «em nível quantitativo o número de inscritos e de comunicações excede tudo quanto se poderia esperar de uma primeira iniciativa deste género. Mas podemos desde já garantir que o nível qualitativo da generalidade será de molde a não defraudar as nossas esperanças».

Entre os 500 participantes destacam-se os intelectuais, técnicos e investigadores; os gestores municipais; os sindicatos e associações de empresas; os dirigentes de colectividades culturais, recreativas ou desportivas; os parlamentares e quadros políticos. «Não vai ser um Congresso morno», assegurou João Andrade Santos. «Felizmente aparecem, pelo menos nalguns dos temas, opiniões que não serão coincidentes mas até divergentes. Pensamos que isto dará um interesse acrescido ao debate» que será orientado em cada mesa por moderadores convidados

pelo Comissão Promotora.

Todas as comunicações (textos definitivos) do Congresso sobre o Alentejo serão editadas em livro. Até ao passado dia 11 cerca de uma centena de comunicações estava já entregue fazendo com que o livro a distribuir aos congressistas e a colocar posteriormente no mercado exija já dois volumes com um total de 1100 páginas.

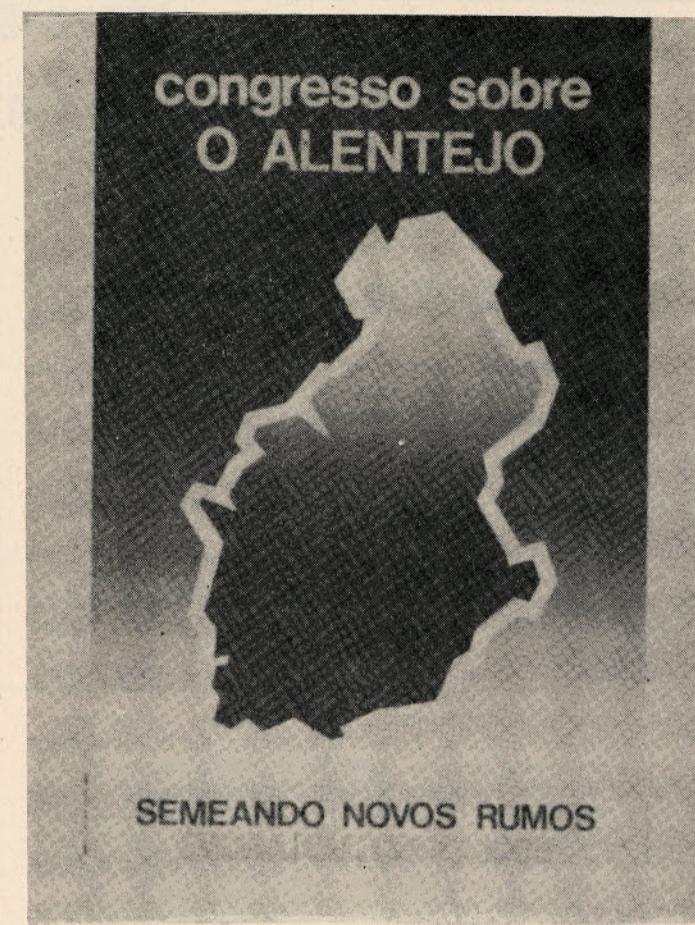
PROGRAMA

A recepção aos congressistas faz-se a partir das 15 horas de hoje, sexta-feira, no Teatro Garcia de Resende onde, a partir das 18 horas, decorrerá a sessão de abertura.

Durante todo o dia de amanhã (sábado) e a manhã de domingo irão funcionar em diversas salas da Universidade de Évora as várias mesas de discussão. A sua distribuição faz-se do seguinte modo:

Ensino e Cultura, sala 272, sábado, das 9.30 às 12.30 e das 14.30 às 18.30; **História e Sociedade**, sala 115, sábado, das 9.30 às 12.30 e das 14.30 às 18.30; **Património**, sala 272, domingo, das 9.30 às 12.30; **Comunicação Social**, sala 118, sábado, das 9.30 às 11 horas; **Ambiente e Ecologia**, sala 209, sábado, das 9.30 às 12.45; **Recursos Vivos**, sala 209, sábado, das 14.30 às 18.45; **Agroecologia**; **Solos**, sala 110, sábado, das 9.30 às 11 horas; **Recursos Humanos**, sala 110, sábado, das 11 às 12.45; **Recursos Mineiros e Energéticos**, sala 209, sábado, das 14.30 às 18.30; **Agricultura e Estrutura Fundiária**, sala 131, sábado, das 9.30 às 13 horas; **Grandes Projectos e Linhas de Desenvolvimento Económico**, sala 131, sábado, das 14.30 às 18.30; **Regionalização e Desenvolvimento**, sala 131, domingo, das 9.30 às 13 horas.

Terminados os debates nas mesas ao fim da manhã de domingo, segue-se, às 13 horas, o almoço de encerramento e a partir das 15.30, no Teatro Garcia de Resende, a sessão oficial de encerramento do Congresso.



À margem do Congresso

Não é uma tese!

Não é um discurso!

Antes a lembrança

De alguém!

Padre Alves Gomes, natural de Vila Fernando, cidadão do Alentejo. Cabeção. Évora!

Um homem que passou por aqui na entrega aos outros. À Cultura. À Humanidade. Que sorveu cada minuto da vida em comum com os outros homens.

Dando sempre o melhor de si. Que era muito!

Nos anos 60, quantos dos homens trintões de hoje não foram marcados pela sua personalidade, pela sua coragem, pela sua dignidade. Na escola, com as suas aulas de Religião e Moral (tão diferentes, tão ricas!) na J.O.C. com a sua enorme capacidade de ouvir os jo-

vens, de sintetizar e de lhes abrir pistas na descoberta da vida, dos valores essenciais do Homem. Lembram-se Zé Nina, Américo, Manuela, Passinhas, Torrinhas e tantos mais? A palavra Dignidade a força que tinha quando dita pelo Alves Gomes!...

N'«A Defesa», outra forma de lutar, de viver, de se dar.

Nas suas lutas constantes contra a Censura, a Pide, os senhores do antigamente.

Este homem morreu. Não vai ser esquecido. E porque ele foi, é, um cidadão do Alentejo decerto que estaria entre os participantes do congresso, decerto diria do muito que sabia.

Na sua ausência o nosso respeito! A nossa saudade.

Marques Montela

Um programa cultural intenso

Um diversificado programa de animação cultural está já a decorrer em Évora alusivo ao Congresso sobre o Alentejo. Iniciadas em 18 de Outubro estas manifestações irão prolongar-se até domingo.

No Palácio de D. Manuel está uma exposição de fotografia de temas alentejanos em que participam alguns dos mais cotados nomes do meio artístico. Naquele mesmo espaço pode ser ainda visitada uma exposição de artesanato: ferro forjado (Portalegre) barrista (Beja) e de renda de madeira e carros (Évora). Na Galeria Municipal de Arte (Rua das Fontes) foi entretanto organizada uma mostra sobre «novos pintores alentejanos».

O cinema já esteve presente neste programa. No passado dia 18, na Sociedade Joaquim António de Aguiar exibidos o filme «Cerromaior» de Luís Filipe Rocha e um documentário sobre Évora de Fernando Lopes. No passado dia 20, no Palácio de D. Manuel passou «A Moura Encantada» de José Fonseca e Costa e outro documentário sobre Évora elaborado pela Casa da Cultura das Caldas da Rainha.

A música faz igualmente parte desta animação cultural paralela ao Congres-

so. No passado dia 23 actuou a Orquestra Sinfônica de Lisboa. Hoje, dia 25, pelas 21.30 horas, no Teatro Garcia de Resende haverá um espectáculo de folclore com a participação do Rancho do Castelo de Vide, Rancho das «Cantarinhos de Nisa» e do Grupo Vindimadores de Vidigueira. Amanhã, sábado, pelas 21.30 horas, ainda no Garcia de Resende, decorrerá uma sessão de música coral com o Coro dos Amadores de Música de Lisboa e o Grupo Coral de Moura. No domingo — dia de encerramento do Congresso — haverá um desfile pelas ruas de Évora com grupos corais alentejanos existentes na região e na Grande Lisboa que terá o seu inicio pelas 14 horas no Rossio de S. Brás.

O teatro estará a cargo do Grupo «O Semeador» de Portalegre que efectuará dois espectáculos no palco do Garcia de Resende — um amanhã, dia 26, pelas 15 horas, dedicado às crianças e outro na manhã de domingo, pelas 11 horas.

Para além destas manifestações que poderão ocupar alguns dos tempos menos preenchidos dos 500 congressistas haverá visitas guiadas à cidade de Évora que decorrerão durante os trabalhos com inscrição prévia.

PUB

Já à venda

**dois anos de governo
PS/PPD**

(Junho de 1983 a julho de 1985)

edições UM de OUTUBRO

Sociedade Editora de Publicações Lda.

R. da Glória, 41-2.º Esq. — Tel. 361813 — 1200 LISBOA

Diário do Alentejo

EDIÇÃO SEMANAL

Jornal Regionalista Independente



ANO LIV — II SÉRIE — N.º 184

PREÇO 25\$00

Director JOÃO PAULO VELEZ

DE 31 DE OUTUBRO A 7 DE NOVEMBRO DE 1985
PUBLICA-SE AS SEXTAS-FEIRAS

Congresso sobre o Alentejo



DESTACÁVEL
NESTA EDIÇÃO

Museu Municipal de Santiago do Cacém completa meio século



■ PÁGINA 9



O amor pelas abelhas na Serra de S. Barnabé

■ PÁGINAS 6/7

Crise na Rádio Pax

■ PÁGINA 12

editorial**Pôr fim à marginalização do Alentejo**

Cinquenta anos teve o Alentejo de esperar pela realização do primeiro Congresso dedicado ao estudo e análise da mais vasta região do país. Isso aconteceu, com êxito inegável, no passado fim de semana, na cidade de Évora.

Reunindo mais de 600 participantes — dos quais apenas 50 eram convidados — este grande fórum traduziu-se num debate livre, aberto, em muitos dos casos animado e polémico que significou uma inestimável contribuição para quem queira conhecer as raízes do Alentejo, a sua situação presente e perspectivas futuras. As expectativas não foram defraudadas nesta iniciativa lançada em Fevereiro passado por 17 organismos da região, registando-se a presença de relevantes personalidades do meio cultural e científico nacional.

Foram 40 horas de trabalho repartidas por 11 mesas que permitiram aos respectivos moderadores elaborar sínteses que representam um mosaico importantíssimo de informação.

Ficou provado que o Alentejo não está condenado a ser uma região deprimida, em desestruturação progressiva. Existem as potencialidades, existem os projectos para modificar a face da planície, alteração essa fundamentalmente baseada nos próprios recursos.

O Congresso demonstrou que o que tem faltado são as decisões políticas, a vontade do poder em operar essa transformação que tanto se reclama. Ficou claro que os alentejanos, vivendo numa região que representa 1/3 do país não estão mais dispostos a tolerar que o poder os esqueça e marginalize devido a critérios estreitos de sectarismo político. Registou-se claro consenso sobre a importância do total aproveitamento dos recursos e a rejeição da ideia de que o futuro pode continuar a ser a emigração para o Barreiro, Lisboa, a Bélgica ou a Suíça.

Os participantes explicaram que um desenvolvimento da região não poderá nunca significar a liquidação da cultura e modo de viver tão marcantes dos alentejanos. Ficou claro que existe uma muito grande unidade-identidade do Alentejo como região, tendo-se considerado que a regionalização administrativa é um imperativo não só constitucional como sócio-económico. A este propósito foi dito que no caso de a instituição das regiões não ser simultânea o Alentejo estaria em condições de se assumir como uma região-piloto que no entanto haveria de salvaguardar as múltiplas diversidades e particulares existentes no seu vasto território. Ficou, ainda claro, que esta é uma região em que o Poder Local maior obra tem realizado em favor das populações, constituindo como que uma amostra de progresso num meio caracterizado pela estagnação.

A mensagem que o Presidente da República fez chegar ao Congresso acentuou um importante aspecto: a maior riqueza do Alentejo está, antes de tudo, nos alentejanos. E o povo da região sabe-o bem: verdadeiramente extraordinário foi o espetáculo oferecido à cidade de Évora pelos 38 ranchos folclóricos e grupos corais que desfilaram pelas ruas da cidade. Poderá haver dúvidas quanto ao futuro do Alentejo com esta manifestação cultural — a maior alguma vez feita na região com 1000 intérpretes da música e dança populares?

(Re)pensar a informação municipal — breve subsídio introdutório

Sousa Pereira

A consolidação da democracia em Portugal, tem encontrado um importante suporte e forte dinâmica no Poder Local.

É um facto, por todos reconhecido, que a organização democrática do Estado, tem por base, também, a existência de autarquias locais como pessoas colectivas territoriais com os seus próprios órgãos representativos, cuja acção tem dinamizado grandes transformações em todas as comunidades e contribuído para a defesa dos interesses das populações.

Longe vão os tempos em que o Poder Local era um mero instrumento, ou canal do Poder Central. Hoje, de terra para terra, o novo Poder Local democrático contribui, decisivamente, para a resolução das carências das comunidades e implementa o desenvolvimento económico, social e cultural.

Neste contexto, a reorganização dos Serviços das autarquias é uma característica fundamental, para se melhorarem os serviços prestados, dar respostas mais dinâmicas às carências das populações, implementarem-se novos métodos de gestão, de acordo com as novas responsabilidades que se colocam ao Poder Local e retirar-lhe, simultaneamente, os vícios acumulados durante os anos do fascismo, em que era meira correia de transmissão do Terreiro do Paço.

Surgem novas exigências das populações, que sentem nas autarquias o coração que faz pulsar a vida das comunidades, pelo que se impõe uma cada vez maior adaptação dos órgãos autárquicos às novas realidades.

Assim, novos serviços são introduzidos, visando uma gestão mais eficaz, a valorização dos próprios trabalhadores das autarquias, com o objectivo essencial de aproximar a autarquia das populações respectivas e uma maior ligação dos eleitos com os municípios.

Nesta óptica, tendo as autarquias, cada vez mais,

uma posição privilegiada na coordenação e dinamização das acções dos diferentes agentes locais, importa reflectir sobre a importância de um sistema de informação e comunicação na vida dos Municípios.

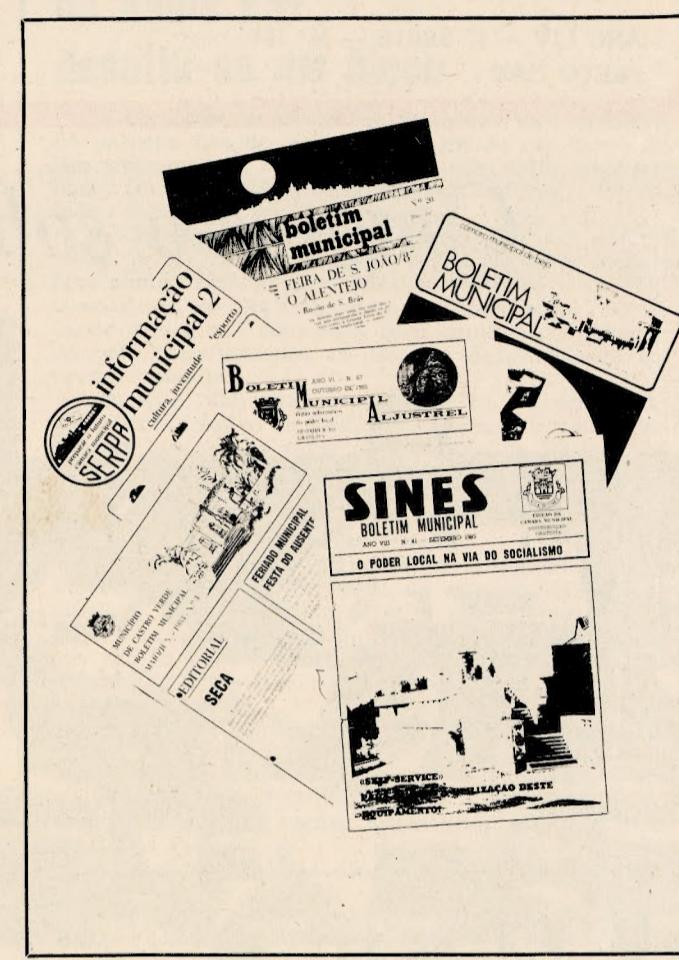
É óbvio que as autarquias, pelo seu papel dinamizador, carecem de uma ampla ligação com as populações e manter as mesmas informadas das suas dificuldades, bem como das opções tomadas nas linhas de gestão definidas para os seus Planos de Actividades. Uma das principais funções da informação desenvolvida pelas autarquias visa mobilizar as populações para participarem e acompanharem de forma activa o desenvolvimento da vida local.

Na verdade, grandes dificuldades se colocam muitas vezes na vida das autarquias, devido à falta de diálogo e à ausência da informação entre os eleitos e os municíipes, o que na prática se traduz, por vezes, em elevadas taxas de abstenção e o desinteresse ou desconhecimento das populações por actividades promovidas na sua própria terra e na defesa dos seus próprios interesses.

Neste sentido, é interessante pensar de forma global a problemática da ligação dos eleitos com as populações e obviamente a necessidade de surgirem, dentro dos parâmetros próprios de cada Município, serviços vocacionados para análise e desenvolvimento de forma programada (e não pontual) de tarefas próprias de comunicação, tanto mais que a autarquia, como instituição, carece dos seus canais e não pode estar alheia ao fluxo de comunicação da sua comunidade.

Manter uma regular e sistematizada informação com a população e simultaneamente uma recolha de opiniões que permitam conhecer as carências das populações, são dois vectores essenciais da gestão democrática.

Não é possível, no âmbito de um artigo, analisar



Boletins Municipais: um dos «canais» mais utilizados pelas autarquias para manterem informadas as populações

sobre a importância (na gestão democrática e do novo Poder Local) da comunicação e da ligação dos eleitos com as populações.

Para finalizar, considera-se hoje já um dado adquirido que o Poder Local, como expressão directa da vontade popular, e não mais prolongamento do Poder Central, carece de introduzir na sua reorganização de serviços, e de acordo com as novas responsabilidades, áreas de trabalho específicas para dinamizar a comunicação, que não pode, nem deve, ser resumida à edição pontual de um artigo para a Imprensa ou uma visita ao conselho.

Há autarquias que privilegiam, essencialmente, a comunicação interpessoal o que, só por si, é insuficiente; outras já avançaram com a criação de Serviços de Informação e Relações Públicas, havendo portanto uma visão múltipla de acordo com a sensibilidade de cada Município para esta problemática.

Neste primeiro artigo pretendemos somente tocar o assunto, voltaremos a abordar esta temática, na perspectiva de abrir algumas pistas, analisar algumas experiências, dando assim um pequeno subsídio para a reflexão.

Esclarecer, mobilizar, participar, não podem ser objectivos concretizados, onde existe a ausência de um plano sistemático de ligação dos eleitos com a sua comunidade.

Diário do Alentejo

Fundadores — Carlos das Dores Marques e Manuel António Engana

Director — João Paulo Velez.

Corpo Redactorial — Miguel Patrício (chefe de Redacção), José Moedas, Manuel de Sousa Tavares e Pedro Ferro.

Correspondentes — Aljustrel — António Zacarias Gonçalves; Alvalade-Sado — Luís Martins Silva; Arronches — Daniel José Balbino; Elvas — Luís Roque; Estremoz — Teodósio Caeiro; Évora — Torrinhas Lopes; Grândola — Alcídio Oliveira; Moura

— Rafael Rodrigues; Nisa — Mário Mendes; Odemira — Manuel Augusto Marcos; Portalegre — António Ventura; Vila Nova de Milfontes — António Feliciano Inácio, Vila Viçosa — José António Carola.

Colaboradores — António Borges Coelho, António Cunha, António Eloy, António Paisana, António Vilhena, Carlos Pinhão, Cláudio Torres, Colaço Guerreiro, Daniel Machado, Duarte Pimentel, Eduardo Gageiro, Eduardo Olímpio, Francisco Fratas, Henrique Pinheiro, Inácio Ludgero, João de Carvalho Grosso, João Honrado, João Massapina, José Carlos Almada, José Luís Soares, José da Luz Saramago, José M. Pote, Luciano Caetano da Rosa, Luís Pavão, Manuel Aires, Manuel da Fonseca, Manuel Geraldo, Manuel Vilaverde, Martinho Marques, Melo Garrido, Miguel Serrano, Q. de S. V., Sérgio Guimarães, Vicente Campanas, Viriato Camilo, Vultos Sequeira.

Publicidade — Germinal Correia.

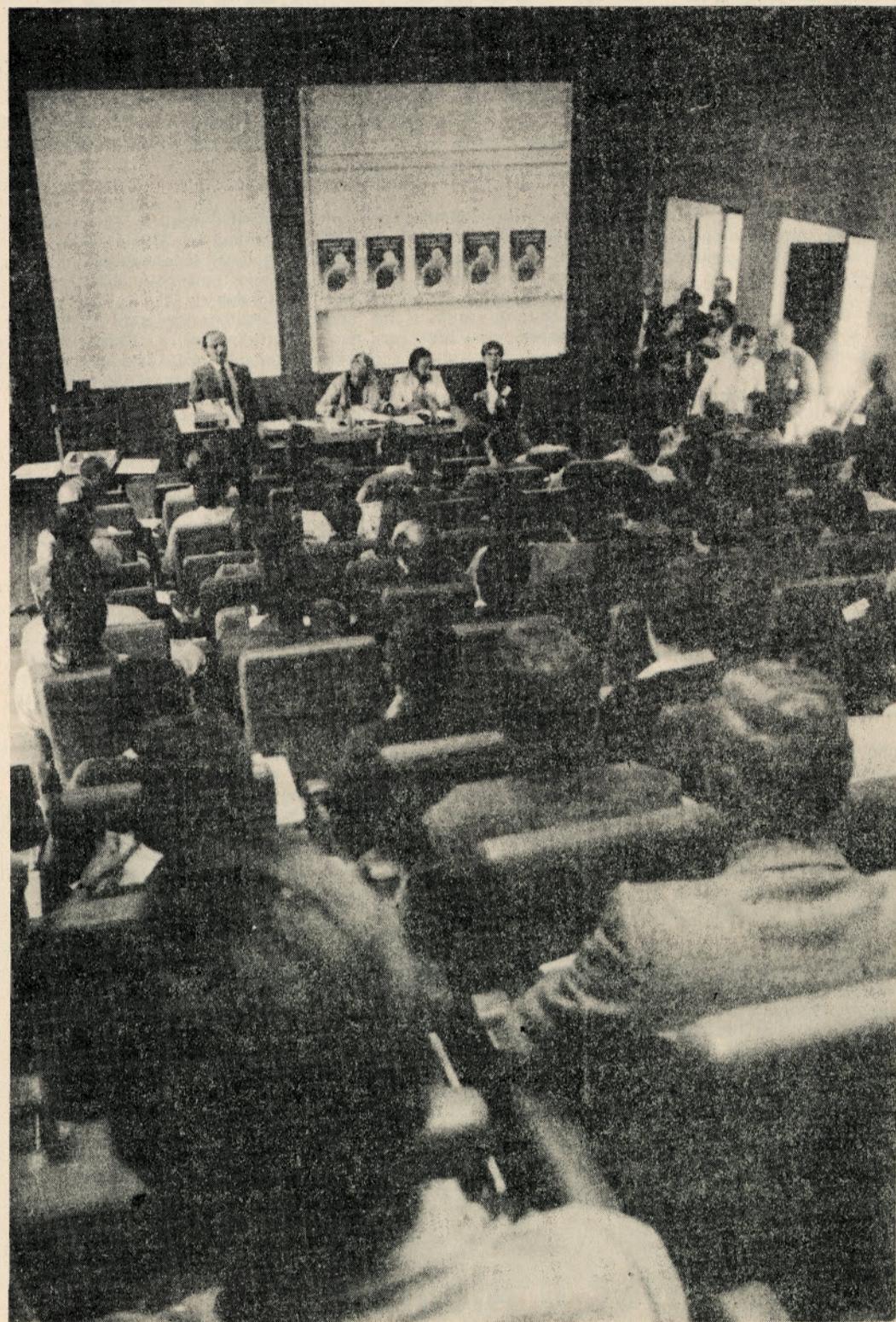
Assinaturas — (Portugal e estrangeiro) — semestral: 500\$00; anual: 1000\$00.

Propriedade — Associação de Municípios do Distrito de Beja — «Diário do Alentejo» (Câmara Municipal associadas: Aljustrel, Almodôvar, Alvito, Barrancos, Beja, Castro Verde, Cuba, Ferreira do Alentejo, Grândola, Mértola, Moura, Odemira, Ourique, Santiago do Cacém, Serpa, Sines e Vidigueira).

Redacção — Rua Abel Viana, 1 — Apartado 70 — 7801 BEJA Codex — Telefone 23111.

Composição, Impressão, Publicidade e Assinaturas — Praça da República, 43 — Apartado 70 — 7801 BEJA Codex — Telefone 25716.

CONGRESSO SOBRE O ALENTEJO



Mensagem ao Congresso do Presidente da República

«Na impossibilidade de estar presente na cerimónia de encerramento do Congresso sobre o Alentejo, quero por este meio manifestar à Comissão Promotora e a todos os que, directa ou indirectamente, contribuíram e tornaram possível esta realização, o meu apreço pela iniciativa e pelos resultados alcançados.

A forma com os trabalhos decorreram, o vasto leque de temas abordados, a qualidade das intervenções e a importância das conclusões a que se chegou, são a garantia do êxito deste Congresso.

De facto, é na discussão competente, aberta e construtiva, que todos nós devemos procurar as soluções dos problemas cuja gravidade, na maioria dos casos, obriga a uma racionalização técnica das decisões a tomar, evitando que a sua análise predominantemente política, impossibilite ou retarde a aplicação com rigor das medidas necessárias à sua superação.

Os principais destinatários dos trabalhos que aqui decorreram durante três dias — as mulheres e os homens do Alentejo — há muito que aguardam a solução dos problemas do despovoamento, da falta de infraestruturas sociais, do baixo rendimento «per capita», do desemprego, do analfabetismo, da satisfação das necessidades básicas.

Mas todos nós sabemos que de entre as potencialidades existentes nesta vasta região, a sua maior riqueza é o próprio povo alentejano, quer a par de uma cultura específica e característica, constituirá, estou certo, vector fundamental da transformação e do desenvolvimento.

Com os alentejanos construiremos um futuro diferente.»

(Mensagem lida pelo representante do PR, tenente-coronel Fonseca de Almeida)

Destacável

Diário do Alentejo

31/X/85 N.º 184

A maior região do país não admite continuar a ser marginalizada



616 participantes

O I Congresso sobre o Alentejo terminou no domingo em Évora fazendo jus ao lema que o tinha norteado «Semeando Novos Rumos».

Um largo debate foi travado em 11 meses por 563 congressistas e 53 convidados, entre os quais avultavam alguns importantes nomes dos meios científico e cultural nacionais. O predomínio das participações foi de quadros técnicos e intelectuais mas verificou-se a presença de outras profissões, numa vasta gama de experiências e conhecimentos. Metade dos presentes residiam no Alentejo, a outra metade fora da região, com especial incidência para Lisboa. Os textos apresentados foram já editados em dois volumes com um total de 1100 páginas distribuídas pelos presentes.

O Congresso não consistiu, todavia, apenas de debates. Ao longo dos três dias — e até já antes — Évora foi palco de diversas manifestações reveladoras da forte pujança cultural, da enorme riqueza interior do povo da região. O Palácio de D. Manuel serviu de cenário a exposições de variado tipo desde a fotografia ao artesanato. O Teatro Garcia de Resende assistiu a representações teatrais e a interpretações musicais. E a terminar foi a grande apoteose, com o maior desfile de grupos corais e ranchos folclóricos a que o Alentejo alguma vez havia assistido. Foram 22 ranchos e 16 corais de todo o Alentejo e da região de Lisboa que, em menos de 15 dias, responderam ao apelo da Casa do Alentejo e cantaram e dançaram pelas ruas de Évora. Foram mais de mil os cantadores e bailadores que encheram de entusiasmo as ruas da cidade alentejana durante o desfile entre o Rossio de S. Brás e o Jardim das Canas. Foi um espectáculo bonito de ver, revelador dessa grande força que é a cultura alentejana.

Lá dentro, no Teatro, os trabalhos chegavam ao fim. Impossibilitado de se deslocar a Évora (a presença em Lisboa do Presidente da Guiné-Bissau e as diligências para a formação do governo retiveram-no), o general Ramalho Eanes fez-se representar pelo tenente-coronel Fonseca de Almeida. Através deste, o PR expressou, todavia, a sua satisfação pelo tipo de iniciativa que decorrera. Estava entretanto assente que a partir de agora vai começar já a ser preparado o II Congresso para 1987.

Director do «Diário do Alentejo» na sessão de abertura

«Façamos deste Congresso um grande largo de todo o Alentejo»

«A realização deste Congresso é a concretização de um sonho com pelo menos 50 anos, tão antigo como prolongados são a marginalização e esquecimento a que esta região tem sido votada». A afirmação foi feita na sessão de abertura do Congresso sobre o Alentejo, e em nome da sua Comissão Promotora, pelo director do «Diário do Alentejo». João Paulo Velez fez votos para que a realização que se iniciava fosse como grande espaço de debate, o «Grande Largo de todo o Alentejo».

«Há já pelo menos mais de 50 anos que se vem sonhando com a iniciativa que durante 3 dias nos terá reunidos nesta bela cidade de Évora. Sucessivas gerações foram acalentando o desejo de realizar um debate sobre aquela que é a mais vasta região do país.

Pode dizer-se que a vontade de congregar as reflexões sobre o devir do Alentejo é, neste século, tão antiga como prolongada são a marginalização e o esquecimento a que esta região tem sido votada.

Em 1932 e 1933 realizaram-se o 1.º e 2.º Congressos da Imprensa Alentejana que então conhecia um importante surto de novos títulos.

A partir daí começou a ser aventada nos círculos próximos da Casa do Alentejo o desejo de se avançar na realização de um Congresso Alentejano.

Até 1953 há notícias de várias sugestões e tentativas mas nenhuma chegou a ver a luz do dia. Só hoje, quase 50 anos depois, ele se concretiza. Estamos assim perante um facto de transcendente importância. Como interpretá-lo?

Durante muitos e muitos anos, padecendo já o Alentejo de muitos dos males dos nossos dias não era possível discutir as causas para essa situação que todo prescreviam. Hoje, onze anos após a instauração da democracia é possível debater livre e aprofundadamente, sem os constrangimentos de outrora. Hoje sente-se que um debate é interessante, viável, eficaz porque já é possível ir ao fundo dos problemas sem peias de qualquer espécie.

Mas houve ainda outra condição essencial para o êxito que agora se verifica: foi possível congregar vontades diversas num mesmo sentido. Autarquias, Universidade, Associações Patronais e Sindicais, Cooperativas Agrícolas, Associações Regionalistas e Órgãos da Comunicação Social foram capazes de fazer convergir esforços para viabilizar uma reflexão sobre o Alentejo. Este é sem dúvida um facto de extraordinária importância e que merece aqui ser sublinhado pelo que revela de positivo na busca de soluções para uma região em que o sinal de alarme de depressão há muito já foi dado.

Quando em 18 de Fevereiro de 1985, 17 entidades da região se decidiram constituir em Comissão Promotora do Congresso sobre o Alentejo fizeram-no com uma grave preocupação: ocupando 1/3 da área do Continente, a região tem apenas 6% da população residente e um rendimento «per capita» que não ultrapassa 1/3 da Região de Lisboa.

O Alentejo viu a sua população conhecer drástica diminuição na década de 60 durante a qual perdeu quase 200 mil

habitantes existindo hoje uma tendência para a estabilização o que corresponde a 560 000 habitantes no último Censo de 1981. Da região é sistematicamente dada uma imagem de pobreza e progressiva desertificação com uma população a envelhecer e cerca de 25 mil desempregados.

Durante anos a fio quiseram impor-nos este fatalismo. Quiseram convencer-nos que a partida para a Grande Lisboa ou para o estrangeiro em busca do pão não tinha alternativa. Quiseram mentalizar-nos que a nossa interioridade não nos daria direito a um desenvolvimento económico. Quiseram ainda explicar-nos que a nossa dignidade de povo vertical nunca permitiria a devida consideração pelos poderes centralistas.

Nós não acreditamos no passado embora quase nunca nos fosse permitido dizê-lo; nem acreditamos hoje mas já podemos afirmá-lo. Dizêmo-lo sem tibiez: o Alentejo tem todas as possibilidades de se transformar numa região diferente do que é actualmente, apresenta grandes e variadas potencialidades praticamente inexploradas cujo aproveitamento poderia alterar decisivamente a face desta vasta planície contribuindo ao mesmo tempo para o desenvolvimento do nosso país.

Estamos aqui com esse propósito. Pensamos que a transformação que desejamos urgentemente concretizada na região passa por uma reflexão conjunta sobre a realidade existente e sobre as vias de desenvolvimento, não encarado numa perspectiva economicista mas contemplando as marcas da cultura e modo de viver do povo alentejano.

Queremos traçar o quadro actual da situação no Alentejo: conhecer melhor as nossas raízes profundas e o pulsar da vida quotidiana; queremos saber melhor porque tantos milhares foram forçados a partir da nossa região embora a ela se mantinham ligados de alma e coração; queremos descobrir as razões que conduzem à desertificação do nosso território; queremos sondar porque continua a mais vasta região do país a sofrer a marginalização, o esquecimento, a humilhação até, dos Terreiros do Paço.

Queremos sistematizar reflexões que têm andado dispersas condensando-as num espaço comum de debate livre, aberto, diverso, porventura divergente mas sempre norteado por um regionalismo saudoso que é antítese de bairrismos exacerbados. Para o alentejano o largo da aldeia, da vila, da cidade é ainda o centro do mundo. É ali que, longe da solidão do campo, se travam as conversas, as discussões, se fazem os convívios e celebram amizades. É o forum, palco de cidadania das gentes. Façamos nós deste Congresso um Grande Largo de todo o Alentejo!

Este não será entretanto um Congresso do Alentejo mas

Presidente da Câmara de Évora ao «DA»

«Quem quiser desenvolver o Alentejo

não pode deixar de utilizar estas conclusões»

«O poder central fica enriquecido com a informação que aqui é colhida e pela forma como ela é colhida», declarou ao «DA» o presidente da Câmara de Évora, Abílio Fernandes. Na sua opinião qualquer governo que esteja interessado no desenvolvimento do Alentejo «não pode deixar de utilizar» as conclusões e as comunicações do Congresso.

«Diário do Alentejo» («DA») — Até que ponto esta reflexão que se está aqui a fazer sobre o Alentejo dá resposta e se identifica com as questões levantadas pelo poder local;

Abílio Fernandes (AF) — Nós deparamos ao longo destes anos todos de trabalho autárquico, do trabalho de desenvolvimento regional e desenvolvimento nacional, que nenhuma entidade em Portugal possui trabalhos sobre o Alentejo feitos por estudiosos, por especialistas, por cientistas testados, discutidos pela população, por sectores mais alargados, pessoas interessadas nos vários ramos do saber e do conhecimento. O Congresso vem responder a essa questão. O Congresso, que tem um tema bem definido que é o desenvolvi-

mento do Alentejo, e um encontro de todas as entidades que têm tido uma prática intensa em determinados ramos do trabalho e do saber. Naturalmente que os debates não podem ser muito aprofundados por uma razão de tempo, mas faz-se o encontro de ideias e o primeiro Congresso é, acima de tudo, um desafio a todas as pessoas que estão interessadas no Alentejo. E logo a primeira riqueza. E a prática já provou que foi possível fazer esse encontro de muitas entidades de vários carizes, quer de natureza partidária, quer de diversidades nas próprias matérias e de pontos de vista de natureza científica. Daqui vai resultar um conjunto de registos de todas essas intervenções e ideias que vai

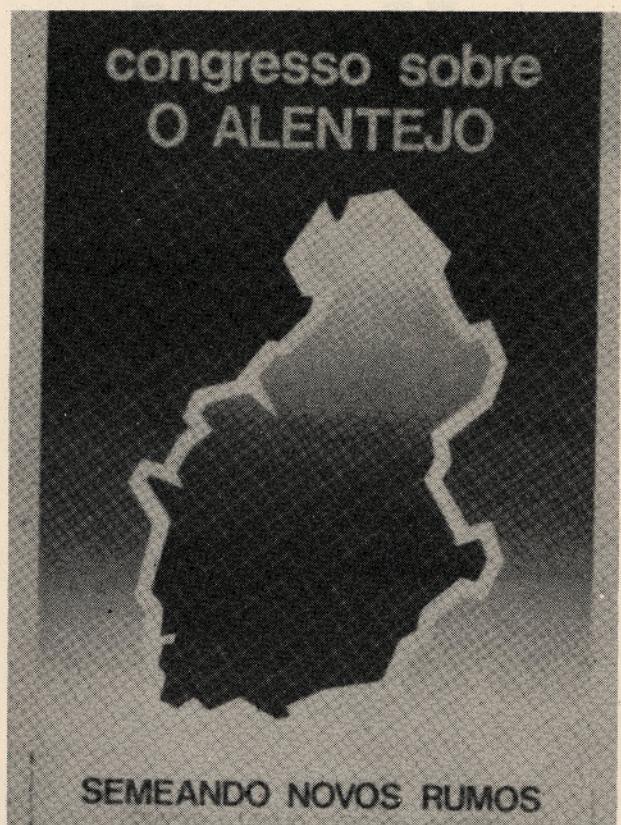
permitir às autarquias, neste caso concreto, poder fundamentar as medidas e programas que devem ser lançados, que já tinha como necessidades, mas não tinha visões, perspectivas de análise dessas preocupações. Resolver o problema da agricultura no Alentejo, resolver o problema da exploração dos minérios de cobre e de urânia, dos granitos e dos xistos, são realidades, como a questão de Alqueva, que nos preocupam, que achamos que existem, que estão inventariados como grandes potencialidades do Alentejo. Como desenvolver, como pegar nisto? Haverá mais potencialidades para além destas? As respostas a estas questões ajudam-nos de facto a lutar, a programar, a canalizar os nossos meios para soluções concretas que permitem dar ao Alentejo o salto que ele precisa e tem necessidade de dar para o progresso e o desenvolvimento. Já devia ter havido uma responsabilidade do Governo lançando perspectivas de desenvolvimento. Isso não tem acon-

tecido por razões de política governamental mas as autarquias já estão em condições de poder assumir essas áreas, assumir em termos de mostrar preocupações. O Congresso que não é um Congresso autárquico, mas onde as autarquias estão envolvidas ao mesmo nível de qualquer outra entidade, é um Congresso de todos os agentes culturais, sociais e de desenvolvimento económico que vai permitir agora a cada um de nós, às autarquias, aprofundar mais, encontrar os caminhos e tentar empurrar para o desenvolvimento.

«DA» — A Câmara de Évora faz parte da Comissão Organizadora deste Congresso. O Congresso vai acabar, vão ser retiradas conclusões e depois, que fazer?

AF — As conclusões vão ser publicadas, divulgadas e cada uma das entidades vai ter possibilidades de utilizar esses instrumentos para fundamentar as acções concretas e a sua intervenção no desenvolvimento do Alentejo.

«DA» — Que papel é que



Volumes com as comunicações já à venda

Pedidos à Associação de Municípios do Distrito de Beja Praça da República, 43 7800 Beja Telefone 257 16

sobre o Alentejo. Desde logo a Comissão Promotora entendeu que este encontro não deveria limitar-se aos alentejanos (naturais ou residentes) cuja representatividade seria aliás bem difícil de avaliar antes se optando por um espaço onde pudesse ter movimento todas as ideias dos que, nascidos ou não na região, nela vivendo ou não, sobre o Alentejo algo quisessem dizer.

A opção parece ter-se revelado correcta: tivemos uma extraordinária adesão de pessoas que nada de directo tendo a ver com o Alentejo se interessam tanto ou mais que nós pelos nossos problemas para cuja resolução têm valiosas contribuições.

Não há uma região no país que mostre um quadro geográfico tão inconfundível como o Alentejo. Não há horizontes tão vastos como estes, não há simplicidade de linhas tão severa, não há tamanha sobriedade nas cores, não há céu tão

Mas se reflecte a terra que o rodeia, o alentejano sabe também modificá-la com os recursos do meio e o fulgor do seu génio. Faltava o relevo e o desenho na paisagem. Que fez o alentejano?

Concebido ele o desenho e a arquitectura fazendo nascer nos seus montes, aldeias, vilas e cidades verdadeiras obras de imaginação e de criatividade — uma varanda onde um ferreiro fez autêntica renda, uma nova geometria num páteo, uma nova figura no barro.

Queremos com isto dizer que não nos basta a contemplação. Pretendemos proporcionar a intervenção, o apontar dos caminhos, o definir das metas, trabalho necessariamente colectivo.

Nunca vi um alentejano cantar sozinho, disse o poeta. A imensidão da planura, a solidão dos ermos obrigou sempre o alentejano a conglomerar-se, vincando nele um espírito fortemente gregário que se evidencia desde o urbanismo ao canto. A sobrevivência das gerações fustigadas por uma vida de terrível miséria e privação é obra da solidariedade e da comunhão de vontades.

Conhecer o Alentejo é assim, antes de mais, conhecer as suas gentes, o seu povo, homens e mulheres de rosto tisnado por uma vida dura de canseiras, sofrimentos e lutas; homens e mulheres que mais não dispondo do que de si próprios, foram e são exemplo de coragem e de verticalidade; homens e mulheres diferentes e que como tal se desejam assumir num espaço mais alargado que é seu como de todos os portugueses.

Estamos em condições de dizer que este Congresso será uma muito valiosa contribuição para este conhecimento. Se pelos fracassos de anteriores tentativas a realização deste Congresso é já por si só um êxito assinalável ele é tanto mais de destacar quanto ultrapassa os resultados de iniciativas semelhantes já realizadas noutras regiões do país e já com uma certa tradição (referimo-nos em concreto à 1.ª jornadas da Beira Interior e muito em especial aos 3 Congressos do Algarve).

Em primeiro lugar o número de inscrições e de comunicações excede largamente as melhores expectativas. Quinhentos congressistas e cerca de 140 comunicações é algo de extremamente positivo. Mas não será só a quantidade.

A qualidade dos textos, o seu rigor e seriedade, o nível que revelam na sua generalidade são traços porventura ainda mais importantes do que o seu grande número, tanto mais que nenhum dos textos submetidos à Comissão de Leitura foi recusado.

Este Congresso não é ponto de partida nem de chegada. Desde Fevereiro de 85 que a Comissão Promotora se empenhou num conjunto de acções realizando catorze reuniões preparatórias do Congresso que de forma descentralizada decorreram em diversos locais como Alcácer do Sal, Aljustrel, Beja, Elvas, Évora, Grândola, Lisboa, Portalegre e Santiago do Cacém. Desde início houve a preocupação de que esta iniciativa fosse assumida por toda a região podendo afirmar-se que estas sessões, normalmente efectuadas a pretexto de qualquer tema de interesse local, constituíram uma forma de ir já dinamizando a reflexão. E se neste Congresso não existirá porventura uma mobilização totalmente homogénea da vasta região pensamos que o trabalho prévio feito conseguiu pelo menos uma presença condigna das várias subregiões Alentejo.

Este Congresso não é também um ponto final. Estamos confiantes em que o interesse e dinâmica que todo este processo revelou determinarão que este não seja o último Congresso sobre Alentejo. Esta edição será certamente ponto de partida para a necessária consciencialização para uma intervenção acrescida.

Alguém disse compreender-se que fosse do seio da imensa planura alentejana que tivesse nascido a fé e a esperança num destino nacional do tamanho do mundo: só das ondas de barro que se sucedem sem naufrágios e sem abismos no Alentejo se poderia partilhar com confiança para as verdadeiras ondas do mar na gesta dos Descobrimentos.

Aqui avista-se mais longe, avista-se o infinito do horizonte, tem-se a visão do conjunto e do geral.

Hoje Portugal, devendo manter-se sempre e sempre aberto ao mundo e a todos os povos tem todavia de contar mais com as suas próprias forças. E cada região tem o seu contributo decisivo a dar. O projecto nacional não é mais partir para a conquista de um país do tamanho do mundo é conseguir dar a dimensão do mundo ao nosso país. Por isso aqui estarão certamente presentes os projectos, grandes e pequenos, com que o Alentejo poderá contribuir para essa nova gesta. Desenvolvendo a região e ao mesmo tempo dignificando as suas gentes.

Conhecidas as nossas raízes, feito o diagnóstico da nossa situação actual, analisando os projectos para alterar o «status quo» haverá ainda que definir os meios institucionais e políticos para conseguir transformar a face desta região.

Diferentemente do minhoto que se apressa a dizer o nome da vila onde nasceu o alentejano responde que a sua terra é o Alentejo. Até mesmo inconscientemente nele está presente a noção de homogeneidade, de um espaço global com marcas morfológicas, culturais e sociais comuns.

Existindo esta identificação tão marcada, fácil seria concluir que não haveria dificuldade em se avançar no campo da regionalização administrativa. Também neste como noutras temáticas importantes do Congresso haverá certamente intervenções contraditórias e divergentes, o que se tem aliás como muito salutar. Que este debate também neste aspecto permita equacionar as várias alternativas em presença, esboçar as várias soluções tendo como preocupação de que toda e qualquer proposta deveria contemplar sempre a salvaguarda da diversidade naturalmente existente numa região que apesar de homogénea ocupa uma tão grande extensão.

A Comissão Promotora quer saudar todos e cada um de vós, congressistas e convidados. Em cada um expressar a saudação do Alentejo aos alentejanos e àqueles que pelo Alentejo se interessam, que por ele sofrem e esperam. Todos os que aqui estão, que se sentiram motivados a responder a este apelo são, independentemente da sua idade, jovens. Jovens porque se aqui estão é porque apostam na mudança, na transformação, na inversão duma situação que é já alarmante.

A Comissão Promotora quer aqui envolver nesta saudação todas as entidades, públicas e privadas, todos os serviços e pessoas que tornaram possível com o seu trabalho e o seu apoio este Congresso. De uma forma especial quer destacar o extraordinário apoio que recebeu de eleitos e trabalhadores da Câmara Municipal de Évora sem os quais esta realização compreendendo um tão vasto leque de iniciativas, se tornaria infinitamente mais difícil.

E expressar uma palavra de reconhecimento a todos quantos contribuíram para que no início destes trabalhos possamos ter já ao nosso dispôr o livro com os textos finais das 103 comunicações entradas até ao passado dia 11.

Amanhã iremos iniciar os nossos debates sobre uma região que concentra o que nós, portugueses, temos de lusitanos e de latinos, de árabes e cristãos. Tudo isto se encontra sintetizado de forma admirável numa cultura fortíssima com um fio condutor que não foi partido por séculos e séculos de história.

Marca que se pressente no gosto de um gaspacho, na alvura de um monte. Marca que modelou a própria literatura. «A personalidade do alentejano é a própria integridade do ambiente que o rodeia. O meio ajuda-a a defender-se dumam promiscuidade que o impedia de continuar vertical. Modelou-o de forma a que nenhuma força, por mais hostil, fosse capaz de lhe roubar a coragem de lhe perverter o instinto, de lhe enfraquecer a razão.»

A terra marcou os próprios escritores alentejanos. Mas as palavras que acabo de citar são de Miguel Torga. Permitam-me ainda que termine com uma citação deste homem de Alentejo para o qual em Portugal só há duas coisas grandes, pela força e tamanho: Trás-os-Montes e o Alentejo. Diz ele:

«É preciso ter uma grande dignidade humana, uma certeza em si muito profunda, para usar uma casaca de pele de ovelha com o garbo dum embaixador.»



lúmpido, nem sequer um fulgor tão especial nas estrelas.

Mas esta beleza de horizontes tão largos só uma longa intimidade a pode apreender. Deixemo-nos primeiro tomar pelo Alentejo.

Se a terra marca o homem, pode dizer-se que no Alentejo ela o molda de forma inequívoca.

O seu canto, melancólico, lento, grave e profundo é um desenho levemente ondulado e de uma harmonia como que horizontal, expressão melódica da paisagem.

Historiador António Borges Coelho

Marcas do actual subdesenvolvimento terão começado no século XVI

O historiador António Borges Coelho foi, no Congresso sobre o Alentejo, moderador de uma das mesas: história e sociedade. Em breves declarações ao «DA» Borges Coelho manifesta a opinião de que a região nem sempre teve «as marcas de sub-desenvolvimento que apresenta nos nossos dias». Sinteticamente ele aflora algumas das causas dessa situação.

«**Diário do Alentejo**, («DA») — De que forma é que os problemas e questões aqui debatidas, neste Congresso, são as mesmas que se colocavam ao Alentejo no passado, isto no que se refere ao sub-desenvolvimento da região?

António Borges Coelho (ABC) — As comunicações que têm chegado a esta mesa mostram uma primeira realidade que é esta: o Alentejo foi no passado uma região culturalmente extremamente desenvolvida. Isto é: desde a Antiguidade, ou mesmo no período medieval e até ao início do moderno, até ao século XVI, o Alentejo não apresenta estas marcas de sub-desenvolvimento que apresenta nos nossos dias. Mesmo demograficamente não é exactamente o mesmo

ponto essas duas realidades se conjugaram e são responsáveis por aquilo que o Alentejo é hoje?

ABC — Eu creio que a força que aparece no Alentejo, no século XVI, no século XV e no século XIV, é a grande força das cidades e das vilas, é a grande força dos homens ligados ao comércio, dos homens ligados à produção, mesmo agrícola, para o mercado. Portanto é gente operosa. Por vezes há uma propriedade já grande, mesmo relativamente a esses homens, mas os latifúndios, digamos assim, neste período, não são bem os latifúndios modernos. Os grandes latifundiários são a Igreja, é o arcebispo de Évora concretamente. Só o arcebispo de Évora vivia do usufruto de mais de 1100 herdades de toda a periferia de Beja. Os grandes latifundiários desta época estão ligados à Igreja, às ordens religiosas militares, ao arcebispo de Évora, ao cabido e também a alguns nomes, designadamente a Casa de Bragança, mas na verdade

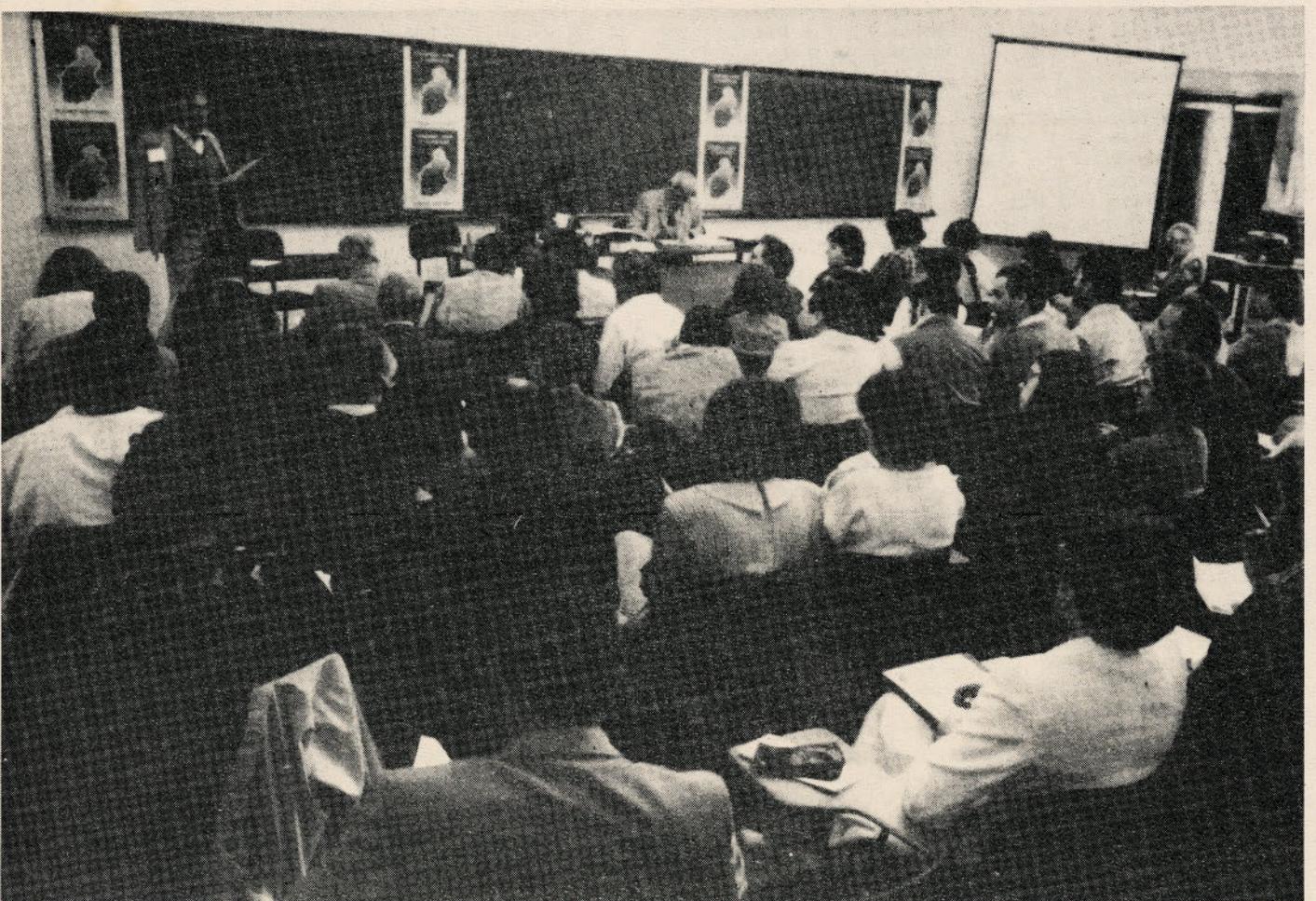
o poder central poderá desempenhar na concretização dessas ações?

AF — O poder central fica enriquecido com a informação que aqui é colhida e pela forma como ela é colhida. Se o poder central estiver interessado no desenvolvimento do Alentejo (até agora não tem estado, claramente não tem estado), mas se vier a estar interessado, o que corresponde a uma nova viragem da vida política dos Governos, que para nós é favorável e necessária, o Governo poderá utilizar e deverá utilizar estas bases e estas informações aqui obtidas. Na nossa opinião não podem deixar de as utilizar.

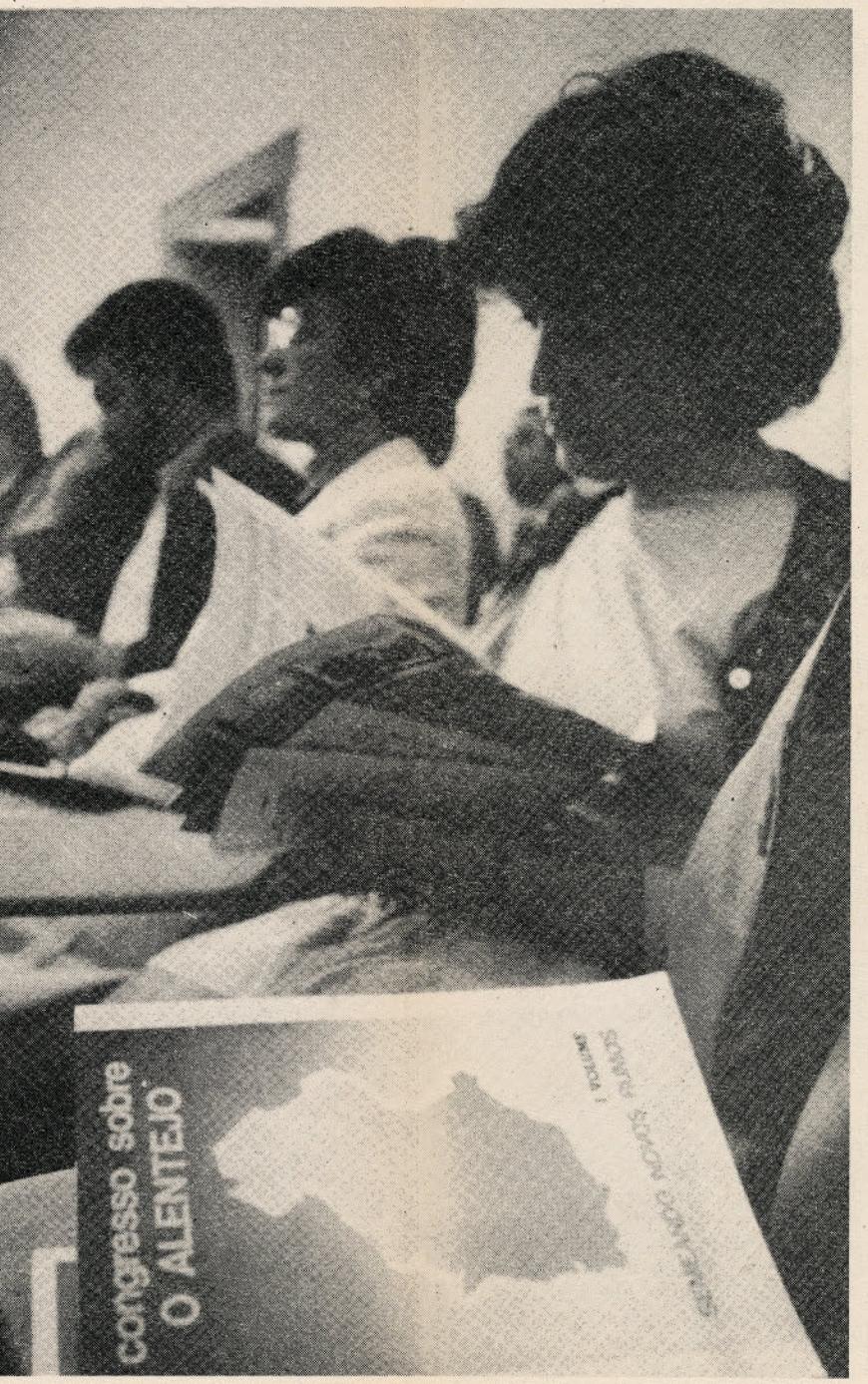
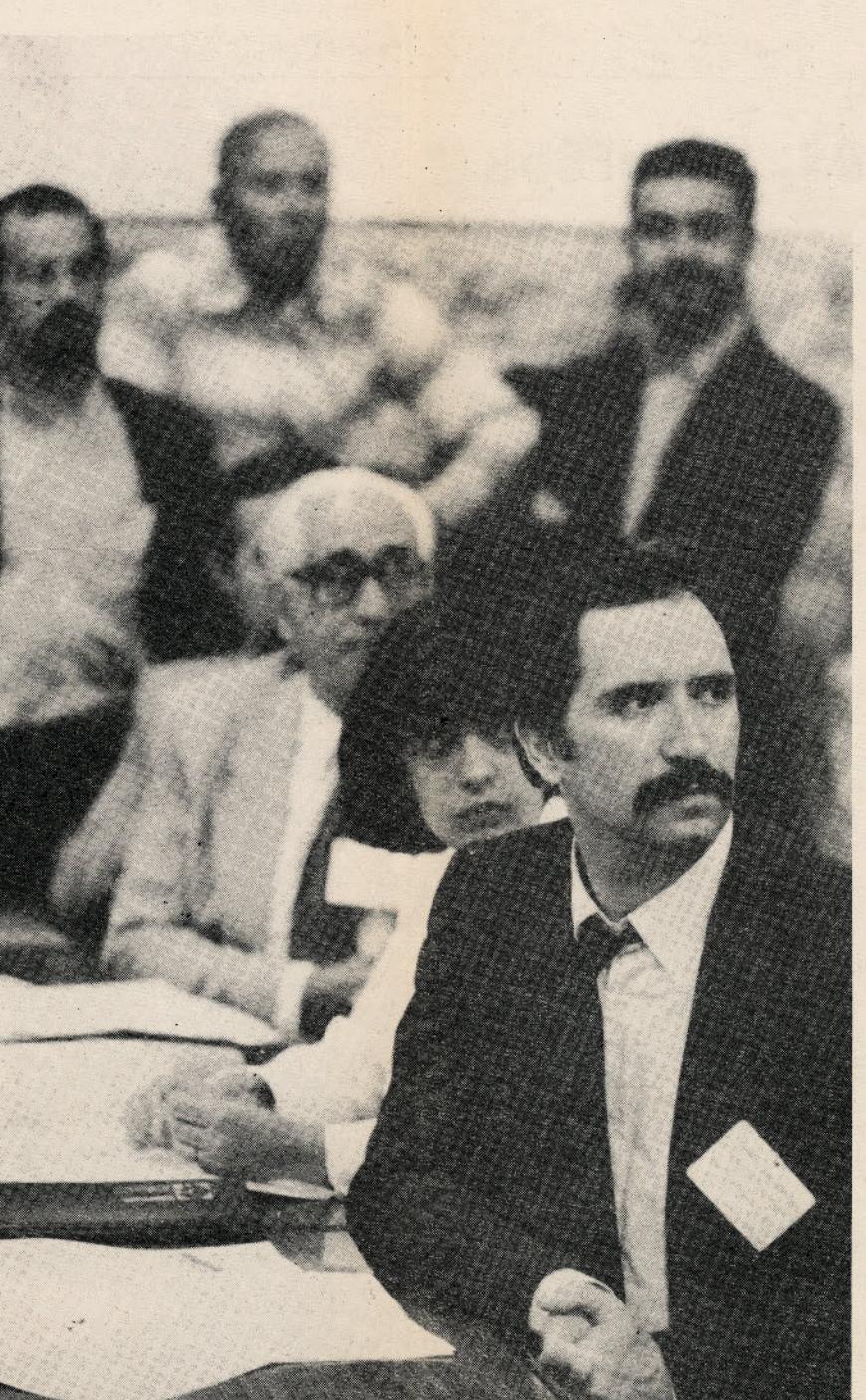
os fugitivos devido à inquisição, foram milhares os perseguidos da Inquisição, foram milhares os expatriados. E que por vezes, durante anos, a propriedade, as lojas, os campos, as oficinas desses expatriados ficaram paradas porque estavam sequestradas. O ataque da Inquisição é às cidades e às vilas, não é aos assalariados, é aos homens dos ofícios, aos mercadores — isso contribuiu de certa e com certeza para o sub-desenvolvimento do Alentejo.



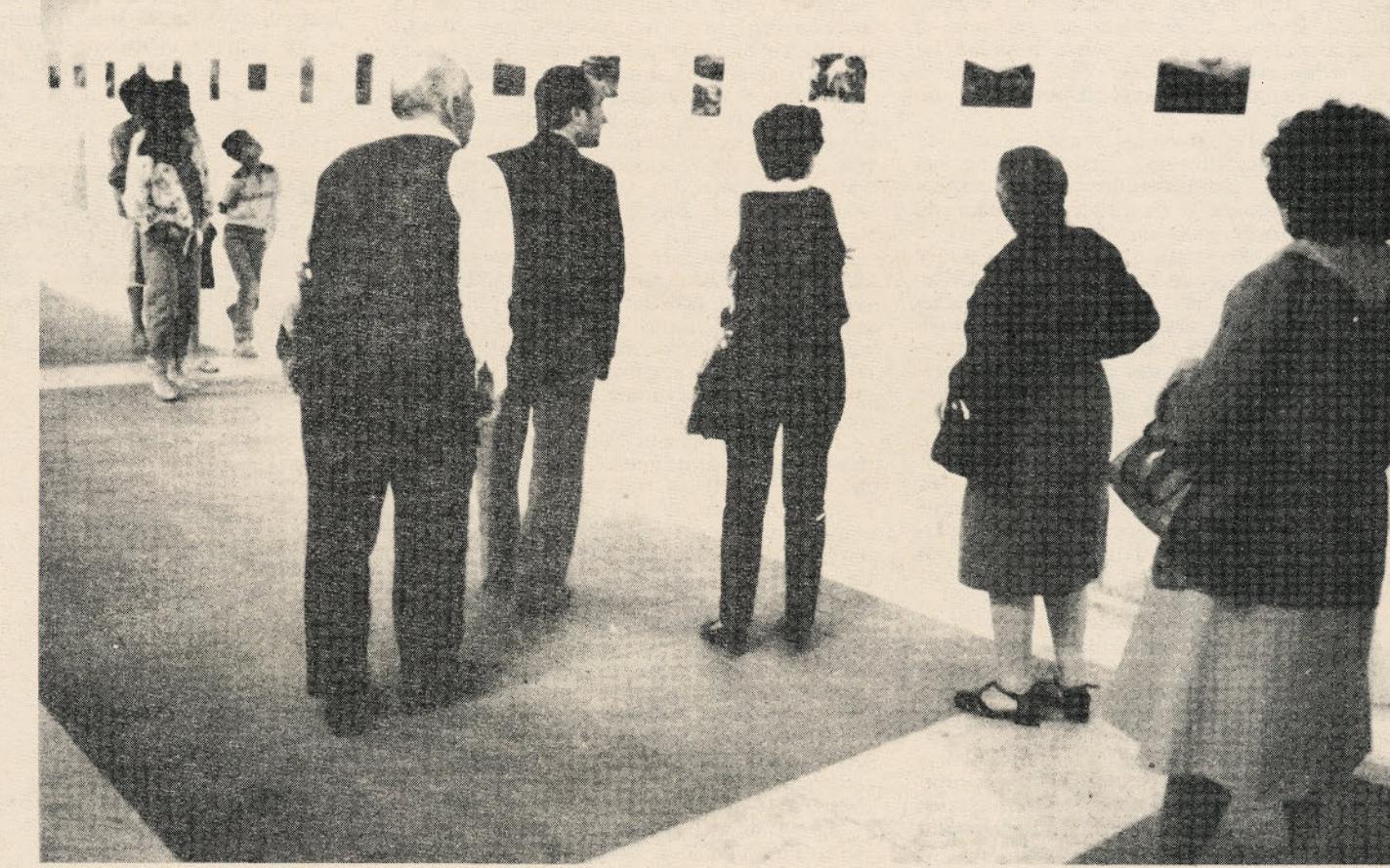
o clero tem uma posição dominante. O que acontecia nas cidades e nas vilas? Com o avanço desta gente das cidades e das vilas o sistema cria um instrumento dominado pelo clero e altamente ligado à própria Igreja e ao Estado nobiliárquico, que é a Inquisição. E a Inquisição é um factor de sub-desenvolvimento indiscutível no Alentejo, se bem que não seja o único. E porque é que a Inquisição é um factor que leva ao sub-desenvolvimento? Basta pensar que foram milhares



as imagens de um debate aberto



e da presença cultural de um povo



A síntese dos debates nas 11 mesas

Alentejo pode desenvolver-se com base nos seus próprios recursos

Das 140 comunicações apresentadas, dos debates travados nas 11 mesas do Congresso sobre o Alentejo, foram feitas sínteses lidas na sessão de encerramento por três dos moderadores: escritor Urbano Tavares Rodrigues, investigadora Beatriz Ruivo e arquitecto Leopoldo de Almeida. Desses sínteses — a publicar num terceiro volume do Congresso — aqui ficam alguns extractos.

O Homem e o seu Enquadramento Social e Cultural

Ensino e Cultura

O Congresso discutiu o problema do analfabetismo no Alentejo procurando definir o seu conceito actual, os seus graus e a sua relação íntima com o despovoamento.

Verificou que a taxa de analfabetismo que, em média é de 35%, é mais elevada nas mulheres e nos idosos e que o grupo etário dos 15 aos 25 anos procura com insistências os cursos de educação de adultos o que abre certas perspectivas de esperança(...)

Durante os debates foi expressada a ideia de que a Universidade de Évora deveria implantar-se totalmente na região alentejana, abrindo-se mais ao povo e com ele estabelecendo um processo de intercomunicação(...)

Foi focada a vida e morte da cultura tradicional alentejana. O Congresso alertou para o perigo de se perder a memória cultural de uma região, recordando a expressão de Manuel da Fonseca de que com o desaparecimento de um poeta popular há uma biblioteca que arde. Foi proposta a criação de um **Instituto Etnográfico do Alentejo**(...)

Transmitidas diversas experiências de animação sócio-cultural, insistiu-se na necessidade de profissionalização do animador sócio-cultural e da existência física do centro cultural (casa da cultura)(...)

Foi posto em causa o modo com o poder central tem ignorado as necessidades culturais do Alentejo tendo sido sugerida a criação de um novo órgão cultural, um **Instituto Alentejano da Cultura** voltado para o desenvolvimento cultural da região e a pesquisa da identidade do seu povo.

Foi ressaltado o esforço das autarquias alentejanas no que respeita à promoção de múltiplas actividades culturais, desenvolvendo por vezes um trabalho verdadeiramente primeiro na sensibilização e dinamização da população. Foram também propostas às autarquias mais absorvidas por preocupações prioritárias, idênticos incentivos às várias formas de cultura.

Os congressistas apresentaram vários trabalhos sobre escritores alentejanos tendo sido nomeadamente proposta uma **homenagem a Évora à memória de Florbela Espanca** que mentalidades retrógradas e egoístas muito procuraram diminuir.

O desporto como factor de desenvolvimento cultural veio à discussão a propósito de um exemplo concreto tendo sido sublinhada a necessidade de diálogo e relacionamento da autarquia com as mais variadas colectividades existentes na sua área.

Sobre a comunicação social propôs-se a criação de um sistema informativo regional e descentralizado capaz de reflectir e difundir os interesses do Alentejo reconhecendo-se a importância das autarquias no desenvolvimento desta estrutura. Sugeriu-se a criação de uma rede radiofónica regional, de um jornal semanal de informação geral; e a criação de uma revista trimestral de informação, análise e crítica. Reivindicou-se ainda a maior atenção dos órgãos nacionais ao Alentejo e o muito maior aproveitamento das potencialidades do emissor da RTP no Mendo e da RDP em Elvas.

Foi proposta a criação de um **Museu da Aldeia** e a dinamização das pequenas comunidades em centros de produção audiovisual, acentuando-se a viabilidade de um protocolo concelhio de educação permanente.

Partindo da experiência da ludoteca de Évora foi sugerida a criação de um **Museu do Brinquedo**.

História e Sociedade

Na intervenção **Portugal Pré-Romano**, foi defendida a ideia de que «a arqueologia, as fontes literárias clássicas e a toponímia apontam para a existência, no 1.º milénio A.C., de uma unidade etno-cultural ou mesmo sócio-política que ocuparia todo o sudoeste peninsular e que poderia ser designada por Turdetânia. Esta unidade acabou por ser desmembrada com as invasões celtas no século IV A.C. mas o seu legado cultural ter-se-á mantido até aos nossos dias e será um dos factores que contribuem para a individualização de uma cultura alentejana»(...)

Inquisição de Évora e subdesenvolvimento depois de se referir a pujança das cidades e das vilas alentejanas na primeira metade do século XVI defendeu-se que «campos, colheitas e rebanhos, lojas, oficinas, casas abandonadas sob sequestro; milhares de fugitivos entre os cidadãos mais operosos e acaudalados; milhares de cidadãos operosos queimados ou transformados em pobres e mendigos travaram o ritmo, marcaram as cidades e vilas do Alentejo com as ruínas do seu subdesenvolvimento.

No debate ficou a ideia de um contraste entre a pujança civilizacional do Alentejo na antiguidade e no início da época moderna, devendo procurar-se as causas do atraso posterior, causas que têm de ser encontradas, nomeadamente no terreno institucional e político, não podendo ignorar-se o papel destrutivo de quase três séculos de repressão inquisitorial(...)

Reflexão sobre a componente endocolonial da sociedade rural alentejana iria provocar apaixonado debate ao longo do dia todo. Considerou o seu autor que lhe pareciam verificar-se manifestações de endocolonialismo, designadamente investimento de capitais estrangeiros na procura de maximização de lucro, as grandes dimensões dos empreendimentos (por exemplo Sines e Alqueva) e o pára-arranca quando o interesse pelos projectos desaparece numa região em período de descolonização. Porque é que todas as barragens do resto do país foram construídas e a do Alqueva não?

Seguidamente foi referida a **importância Histórica do Rio Mira como via de penetração no Sul do Alentejo** salientando-se o seu reactivar nos períodos das duas guerras mundiais para o transporte de carvão e outros materiais, relacionados com crises de energia e o seu estiolar a partir da década de 60 deste século(...)

As Greves em Portalegre (1865-1915), depois do levantamento das lutas efectuadas no período, o seu autor concluiu não haver qualquer correspondência entre a eclosão das greves e o desenvolvimento do movimento associativo da resistência, antes da proclamação da República. Após o 5 de Outubro, com exceção da paralisação de 1911 que afectou a chacina de Joana Serra, o spontaneísmo das greves é agora substituído pelo seu acompanhamento pela respectiva associação de classe, havendo por vezes contactos com sindicatos congêneres e federações de indústria. A intervenção **A Revolução do Vale de Santiago** evocou as ocupações de terras em 1918 em Vale de Santiago e a figura de Gonçalves Correia.

Análise Demográfica Alentejana procurou demonstrar-se que o Alentejo envelheceu mais que o continente em geral; que teve e tem maiores índices de analfabetismo; que evoluiu menos em termos de mortalidade infantil que o continente em geral; que é mais rural (sobretudo Beja) que a média continental. Com os níveis de natalidade e mortalidade de 1983, a geração de mulheres dos 15-49 anos no Alentejo não assegurará a sua própria substituição.

Ainda em **Demografia Alentejana** foi acentuado que o travão do exodo rural é condição necessária mas não suficiente para o equilíbrio da estrutura etária das populações na perspectiva de um desenvolvimento económico, social e cultural. O acentuado envelhecimento das populações cria dificuldades de redistribuição do rendimento e dificuldades no desenvolvimento. Há que aumentar o número de activos, por retorno ou ingresso, através do desenvolvimento que passa pelo aproveitamento integral e racional dos recursos existentes na região(...)

Finalmente em **Problemas de Mercado de Trabalho no Alentejo** foi revelado que na década de 1970-81 foi mais acentuado o declínio da população activa alentejana relativamente à população activa do continente. O decréscimo verifica-se essencialmente na população masculina e nas áreas produtivas, mais acentuadamente no distrito de Beja. A área de Sines, segundo a autora, proporcionou nesta década uma área «promovida» no que se refere à população activa em geral.

No debate final que se prolongou por 1 e 15 minutos ficou patente que no passado o Alentejo não perdia, em urbanismo e desenvolvimento, com as outras áreas do país. Que as causas do atraso dos últimos tem-

pos se encontram no terreno institucional e político. Que as decisões políticas referentes ao desenvolvimento do Alentejo têm de passar pelos centros de decisão da região e as suas populações.

Património

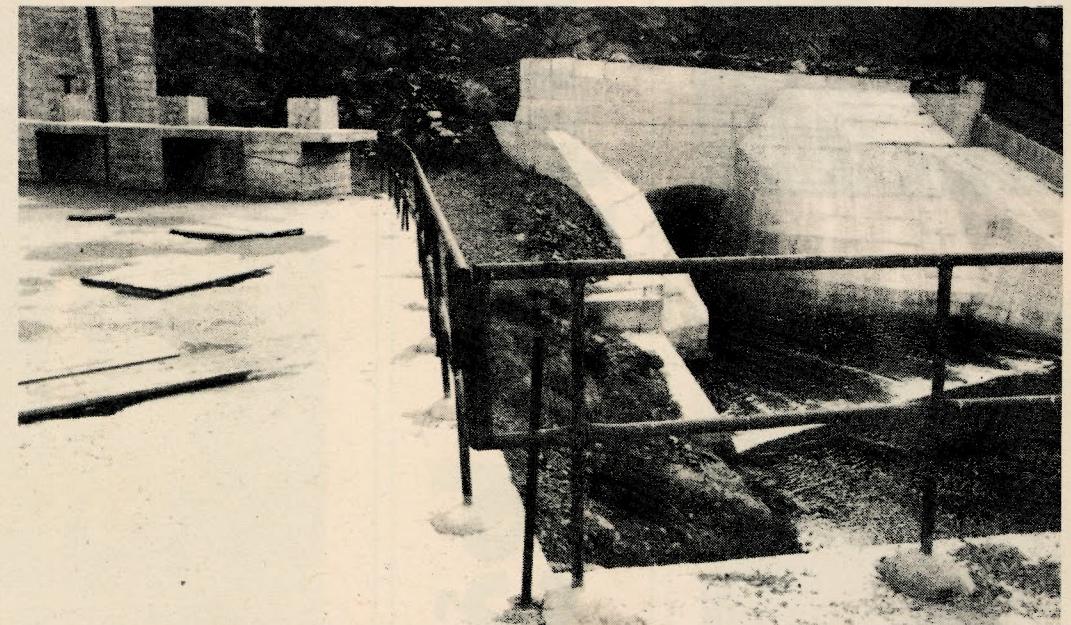
As várias intervenções defenderam a importância do Poder Local na defesa e dinamização do património cultural e a necessidade de conjugação de esforços dos vários organismos com competência nesta área.

Foi apontada a necessidade de incrementar os **levantamentos e inventariões** de forma a fornecer dados e meios de acção às autarquias (levantamentos artísticos, arqueológicos, etnográficos, etc.) para que os municípios passem a dispôr de um **corpus operacional** para o seu trabalho.

Defendida a necessidade de desenvolver na região as **associações de cidadãos** e de defesa do património, estabelecendo-se um contacto directo entre os especialistas e a população. Foi sugerida a realização dum **semana do Alentejo** a promover nas escolas como forma de sensibilização e alerta para a população mais jovem.

Reclamada a urgente intervenção na salvaguarda da **pintura mural alentejana**.

Os presentes apontaram a necessidade de adopção de novos rumos na visão cultural do passado histórico, nomeadamente da



Alqueva: um projecto «absolutamente necessário» para a região

Arqueologia Industrial como repositório da memória colectiva recente da classe operária alentejana, referindo-se os casos de Aljustrel e Mina de S. Domingos. Foi sugerida a criação de um **Museu do Trabalho Agrícola**.

O debate chamou a atenção para a necessidade de as posturas municipais serem realistas permitindo a sua aplicação prática.

Foi sublinhada a necessidade de se pensar os **centros históricos** não apenas no seu aspecto de conservação histórica como também na sua revitalização como espaços lúdicos e culturais.

Recursos, Ciência e Técnica

Ambiente e Ecologia

E de realçar no conjunto de comunicações apresentadas ao subgrupo «Ambiente e Ecologia» a preocupação de introduzir diferentes variáveis ambientais nos processos de planificação sócio-económica. Foi unânime a opinião de que um desenvolvimento não perspectivado sob uma óptica conservacionista estará condenado a breve prazo. Assim o demonstraram as comunicações sobre os importantes problemas de desertificação do Alentejo interior(...)

O litoral alentejano foi, ainda, caracterizado de um ponto de vista geomorfológico, evidenciando-se a fragilidade dos sistemas costeiros face a perspectivas de desenvolvimento não sustentado, em particular as actividades turístico-recreativas.

Pôs-se também em relevo a importância das instituições universitárias, em particular da Universidade de Évora, no desenvolvimento de planos de investigação relacio-

nados com a gestão dos recursos e do ambiente, tal como foi demonstrado pelo trabalho sobre a albufeira do Divor.

Foi convicção dos participantes nos trabalhos deste subgrupo que os problemas de Conservação deveriam ser considerados em simultaneidade com os de Desenvolvimento(...)

Dada a situação crítica e a fragilidade de muitos dos sistemas ecológicos alentejanos recomenda-se ainda para além de uma actuação urgente nestes sistemas, a **criação de um Banco Regional de Dados Ambientais**, a normalização dos processos de diagnóstico ecológico do território e a criação de uma linguagem adequada entre investigadores e planificadores, por um lado, e a população, por outro.

Recursos Vivos

O Alentejo, dispor de extensas massas de água interiores de uma larga faixa costeira onde se incluem estuários e lagoas, apresenta condições particularmente favoráveis para a produção ou exploração racional de animais aquáticos.

Relativamente às perspectivas da aquicultura, salientou-se a necessidade de uma exploração racional dos recursos existentes, sem que tal exclua a possibilidade de implementação de metodologias intensivas de monocultura.

Em relação às zonas costeiras, analisou-se a pesca de crustáceos, com especial relevo para o lagostim e concluiu-se sobre o elevado potencial dos stocks da costa alentejana e da urgência de optimizar a sua exploração.

Um outro conjunto de comunicações debruçou-se sobre o problema da conservação do montado de sobre e de azinheira, que constituem um dos mais importantes recursos naturais do Alentejo e são as formações florestais que melhor se integram nas condições edafoclimáticas desta região.

Foi enfatizada a necessidade de implementar uma gestão racional do estrato arbustivo. Deparou-se todavia com uma insuficiência de conhecimento básico sobre esta matéria e concluiu-se da urgência de aprofundar estudos neste domínio, cujos reflexos se repercutem na silvo-pastorícia, na qualidade da cortiça produzida, na sanidade das árvores e em aproveitamentos secundários, tais como a agricultura e a exploração de plantas aromáticas.

Finalmente foi realçado o facto de a composição do estrato arbustivo ser determinante para a manutenção da diversidade de espécies florísticas e faunísticas, com destaque para as cinegéticas.

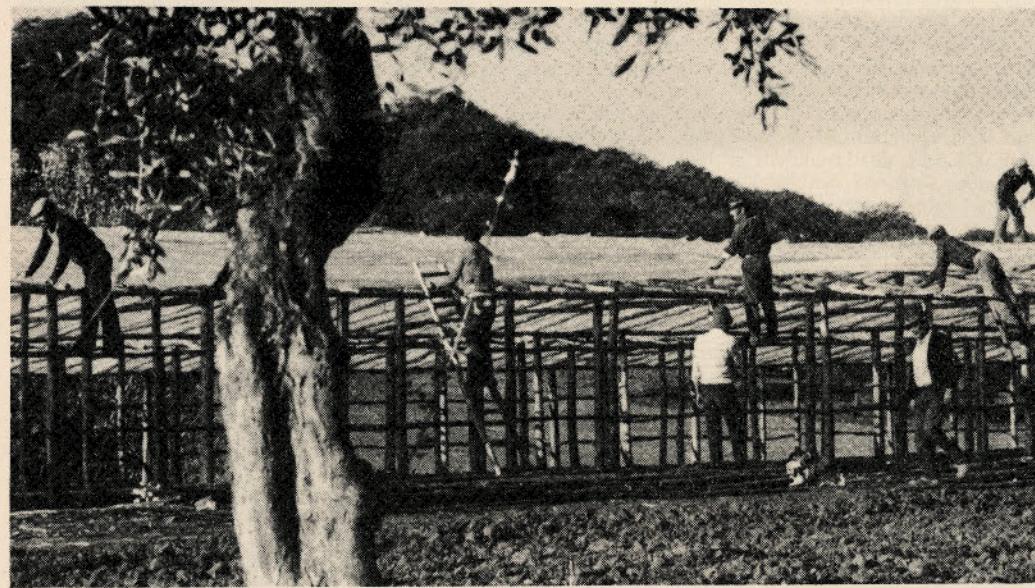
Agronomia, Solos

Os dados analíticos relativos a 16 000 amostras de terra compósitas recolhidas na região no quinquénio de 1980/84 evidenciam o estado de degradação a que chegou a fertilidade de grande parte dos solos alentejanos. Para isso contribui a sua utilização menos correcta ao longo de muitas gerações, através de sistemas culturais como a rotação alqueve-trigo, depauperante dessa

fertilidade. Apontou-se a necessidade da melhoria em quantidade e qualidade do nível de matéria orgânica nos solos, através da introdução equilibrada de forragens e pastagens e dentro destas as leguminosas, das rotações culturais e da execução de fertilizações racionais, para as quais a análise periódica da terra é essencial. Foi ainda focada a necessidade de os serviços de Extensão Rural estarem alertados para esta situação e procurarem dinamizar a população activa dos campos no sentido de fazerem uma correcta actuação neste domínio. Focada a importância de existência de especialistas que, a nível da região, possam dar resposta aos diferentes tipos de problemas sobre solos que lhe vão sendo postos.

Os presentes detiveram-se na desenfreada expansão do eucalipto no Alentejo que num período entre 1968 e 1980 conheceu um acréscimo percentual em área de cerca de 112% nos 4 distritos da região com relevo para o distrito de Portalegre em que esse aumento se cifrou em 317%. Reconheceram a importância do eucalipto com matéria prima indispensável ao abastecimento da indústria instalada mas apontaram os vários problemas que a expansão massiva da cultura ocasiona, como os de ordem ambiental, social e em especial os que se prendem com deficiências geradas no abastecimento hídrico estival.

Concluíram que a legislação em vigor por si só e pela falta de regulamentação de parte dela não é suficientemente eficaz para fazer face à perigosa e despreocupada expansão que o eucalipto tem tido nalgumas regiões responsável por situações conflituais e por eventuais reflexos económicos e ambientais negativos que a prazo poderão tornar-se mais evidentes. Apontaram para a necessidade de a breve prazo se promulgar legislação específica sobre a matéria aproveitando eventualmente aspectos positivos da já publicada de forma a conjugar competências entre serviços da administração central com os da regional e local viabilizando regras que compatibilizem os diferentes interesses económicos e sociais envolvidos.



«A indispensabilidade da reforma Agrária», eliminando por completo o latifúndio

Recursos Humanos

No ano lectivo de 1984/85 apenas 416 alunos provenientes dos distritos de Beja, Évora e Portalegre tiveram acesso ao Ensino Superior o que representa cerca de 3% dos alunos provenientes do Continente. Isto significa que apenas 12 jovens em 1000 do grupo etário 20-24 anos de idade tiveram acesso ao Ensino Superior quando a média nacional é de 18 e no distrito de Lisboa é de 30.

Foi defendida a existência de um Plano de Desenvolvimento para a região alentejana que deveria integrar as prioridades e os meios em investigação científica — uma política científica regional.

Foi sentida a necessidade de uma articulação orgânica entre os interesses regionais e locais e as instituições de ensino superior e investigação da região e analogamente entre esses interesses e as instituições centrais de coordenação e fomento das actividades de investigação científica(...)

A criação de condições para a fixação na região dos quadros docentes e investigadores envolve, por um lado, a resolução do problema da habitação. Por outro lado, o estabelecimento de condições de carreira e o proporcionar de meios específicos permitindo a realização de projectos dificilmente exequíveis nos grandes meios tornariam profissionalmente aliciante a deslocação para a região(...)

Recursos Mineiros e Energéticos

Foi apontada a necessidade de uma gestão permanente e global das bacias hidrográficas (como é o caso do Guadiana), o

que implica a integração de meios técnicos e a recolha de dados, o planeamento e exploração em comum.

Foi relatada a inventariação de recursos hidrogeológicos feita pelos Serviços Geológicos de Portugal nas formações carbonatadas alentejanas. Os resultados alcançados apontam para a disponibilidade de recursos hídricos subterrâneos que não são presentemente explorados. Foram localizados alguns focos de poluição que é preciso eliminar.

Quanto a recursos mineiros, foi recordado que, em resultado das descobertas feitas ao longo das últimas décadas pelo Serviço de Fomento Mineiro e a Empresa Mineira do Alentejo, são já conhecidas reservas muito elevadas de pirites. É, todavia, necessário passar ao seu aproveitamento integral. A viabilidade técnica da produção de concentrados de cobre parece já demonstrada, estando agora em curso o seu estudo económico pela EMA.

Foi apontado o interesse do aproveitamento da energia solar directa em regiões de povoamento disperso e carentes de distribuição de energia convencional, como é o caso do Alentejo, tendo sido sugerida, concretamente, a sua aplicação à refrigeração e à bombagem.

Finalmente, foi relatado o estudo de inventariação de recursos de biomassa e de consumos energéticos em 2 comunidades alentejanas típicas: a aldeia de 200 fogos e a exploração agro-pecuária de 100 a 300 hectares.

Concluiu-se que a produção de biogás a partir da biomassa fermentável permite cobrir até 100% dos gastos de electricidade e lenha e parte do gásóleo, por modo a realizar uma poupança de até 47% em termos económicos. Todavia, é ainda incerto o custo de investimento e está por fazer o estudo custo-benefício.

Economia e Desenvolvimento Regional

Agricultura e Estrutura Fundiária

Foi posta sem exclusão, ao considerar o

força de trabalho proletário e sem terra e das pequenas e médias empresas (campesinato), sem esquecer o constitucional enquadramento previsto de sistemas como os das empresas capitalistas desenvolvidas.

De qualquer modo regista-se a grande sensibilidade ao problema do desajustamento das estruturas fundiárias e principalmente à questão da instabilidade que deste ponto de vista tem sido criado desde há 9 anos, pelas equipas governantes. Regista-se como extremamente importante uma sugestão para a criação de um estatuto da terra capaz de enquadrar as relações de propriedade necessárias ao funcionamento do novo sistema.

O problema da Agricultura e da Estrutura Fundiária foi sentido não apenas no âmbito da problemática horizontal do sector mas de forma de facto fecunda, no âmbito dum perspectiva vertical, com enquadramento das ligações da produção agrícola à comercialização e à industrialização dos produtos regionais no contexto do desenvolvimento e planeamento regional e da capacidade de competição no mercado interno e externo (atividades estratégicas, questões de qualidade, etc.). São de assinalar deste ponto de vista, abordagens, como as feitas à indústria agro-alimentar, à produção de leite, transformação da cortiça e produção integrada cooperativa do Mel.

Grandes Projectos e Linhas de Desenvolvimento

A iniciativa empresarial e os agentes económicos de desenvolvimento foram considerados essenciais, dado o pequeno número de empresas existentes e a sua debilidade económica. Não há bastantes iniciativas empresariais, a capacidade financeira é quase nula, falta a tecnologia e o acesso à informação, que pode gerar iniciativas, é precário. Considerou-se que a modernização da agricultura não é suficiente para desenvolver o Alentejo, que é necessária energia (que pode vir de Alqueva e das Centrais a carvão) e que as infraestruturas básicas (entre elas os transportes, saneamento básico, etc.) são muito precárias.



O aproveitamento integral das grandes riquezas mineiras foi reclamado

O turismo nunca poderá vir a ter uma grande relevância no Alentejo. Todavia, a orla costeira está apenas incipientemente aproveitada, as cidades e povoações monumentais e históricas podem ser valorizadas, tal como os valores arqueológicos. Foi indicada, como forma de valorização do turismo regional, o espaço rústico da empresa agrícola.

A decadência dos caminhos de ferro foi apontada e dissecada. O abandono de algumas linhas e a inexistência de expansão de outras, incluindo linhas transversais de ligação a Espanha, foram apontados como factores de decadência do Alentejo. Foi concluído que a rede e o planeamento geral dos transportes numa vasta região, que é sempre atravessada quando se viaja do Norte ao Sul do País, deve incluir os caminhos de ferro, estradas e auto-estradas, a cabotagem litoral e os transportes fluviais e marítimos.

A exploração da riqueza mineira, em especial das pirites em Aljustrel e Neves-Corvo, foi objecto de longo debate já que a riqueza existente nesse campo é dos maiores da Europa. Foram analisados aspectos históricos (antigos e recentes) das explorações nas minas tradicionais, a falta de capital e tecnologia nacionais, a exportação de minerais e produtos, a interferência das grandes multinacionais. Foi discutido o tema da Metalurgia do cobre e o arranque do campo mineiro de Neves-Corvo, tendo ficado patente o enorme potencial económico e industrial que pode resultar da exploração acertada da riqueza mineira alentejana. Além do cobre, zinco, estanho, metais preciosos, ferro e outros, o enxofre é também valioso produto a explorar e a tratar, se se tiver em conta a proximidade de

outros produtos universais, também como o sal gema.

O porto industrial de Sines e o complexo adjacente foram objecto de numerosas comunicações e aceso debate. Sines terá sido um projecto megalómano supra nacional cuja realização se iniciou em período de recessão da economia. Todavia hoje é uma realidade que merece atenção e um estudo cuidado da sua implementação, re-conversão e rendibilização de acordo com as riquezas e necessidades regionais, designadamente a água (de Alqueva), os cereais da terra alentejana, as riquezas mineiras (indústrias metalúrgicas) e a energia (centrais e carvão). O desenvolvimento de porto passa pela dinamização da sua função quer de porto de pesca quer de entreposto comercial da região em que se insere.

Tal como vem acontecendo de há muitos anos para cá, muito particularmente na última década, o projecto do aproveitamento de Alqueva foi vivo e calorosamente debatido e as conclusões a que se chegou foi de que aquele projecto é absolutamente necessário ao desenvolvimento não só do Alentejo como também do País.

Quaisquer que sejam os números a que se tenha chegado, nos vários e muitos estudos já elaborados, para a sua valia eléctrica e a sua valia agrícola — e estes já o justificam e bem — o nível de desenvolvimento quer económico, quer social a que dará origem, só por si, exigem o seu avanço, começando pela construção da Barragem de Alqueva.

Regionalização e Desenvolvimento

A paralisação económica da região é impulsionada sobretudo a razões de ordem sócio-política com todas as suas graves consequências nos planos do desemprego, emigração, envelhecimento e regressão do nível de vida das populações. Pode afirmar-se que «os problemas do Alentejo são problemas regionais de importância nacional».

Existe um consenso sobre o conceito de desenvolvimento endógeno regional — desenvolvimento com base nos recursos e potencialidades próprios e na participação activa da população no processo sem pre-

juízo da sua articulação nacional e consideração de factores de ordem internacional(...)

Foi constatada a unidade-identidade do Alentejo como Região. Considerou-se de grande importância a decisão política de uma efectiva regionalização, entendida como peça fundamental do desenvolvimento económico das regiões deprimidas. A criação da Região Administrativa foi considerada não só imperativo constitucional mas também sócio-económico.

Admitiu-se que no caso de a instituição das regiões não ser obrigatoriamente simultânea, o Alentejo estava em condições de se tornar numa região-piloto. Foi focado que as competências e finanças da região deverão ser obtidas da Administração Central através da descentralização de poderes e do OGE e nunca através das atribuições e finanças autárquicas locais.

Foi focado o entendimento da Região Administrativa do Alentejo como motor do desenvolvimento com destaque para o papel dinamizador das autarquias no seu processo de instituição e para a intervenção autárquica na esfera económica através do associativismo inter-municipal e inter-associações (com a salvaguarda de que a ação autárquica nunca poderá substituir as reuniões).

Como acções fundamentais do Poder Regional destacam-se, entre outras: a elaboração do urgente Plano de Desenvolvimento Integrado do Alentejo (ou Plano Director Regional); a captação programada de verbas de fundos externos como o FEDER; a resolução do problema do GAS (tutelando o empreendimento aos poderes regional e local e articulando-o com os recursos e potencialidades da região).

Andrade Santos na hora do balanço

Alentejanos saberão exigir cumprimento das propostas para reconstruir a sua região

«O primeiro Congresso sobre o Alentejo permitiu-nos conhecer melhor a nossa região e perspectivar as vias do seu desenvolvimento. Os alentejanos saberão exigir a concretização dessas perspectivas e reconstruir a nossa região». A afirmação é de João Andrade Santos e foi feita em nome da Comissão Promotora do Congresso sobre o Alentejo, na sessão de encerramento que decorreu na tarde de domingo no Teatro Garcia de Resende.

Andrade Santos afirmou não ter sido difícil «isolar as zonas de larga convergência de opiniões. Este resultado poderá surpreender quantos têm presentes as fundas círculas sociais que se vivem no Alentejo e, particularmente, aqueles que encaram com receio as transformações estruturais necessárias para trazer à região o progresso económico e a igualdade de oportunidades e direitos para todos. Mas — sublinhou o vereador da Câmara de Évora — trata-se de um resultado lógico e normal decorrente de um empenhamento colectivo em apreciar objectivamente uma realidade concreta, a de uma região deprimida economicamente mas rica de vida interior de património cultural e profundamente consciente da sua identidade».

REGIÃO JÁ EXISTENTE SO FALTA INSTITUI-LA

O orador declarou que a profunda unidade - identidade da região «é unanimemente reconhecida nos planos físico, sócio - económico e cultural. Pode afirmar-se que a região Alentejo já existe, e que faltará apenas institucionalizá-la». Sublinhou que a existência da região é, não obstante, «vivida como uma drama provocado pela estagnação eco-

nómica, estreitamente ligada à estrutura fundiária, à escassez de água para fins múltiplos e à inexistência de uma política de desenvolvimento regional». E explicou:

«A estrutura fundiária está na base do facto de a riqueza gerada na agricultura ser em boa parte transferida para fora da região, ocasionando desinvestimento. É-lhe também imputável a subutilização dos factores de produção terra e mão de obra. A escassez da água para fins múlti-

mas também e agravando tal lacuna se verifica a aplicação de políticas de cercamento da Reforma Agrária, e de asfixia financeira de empresas e autarquias, com as inevitáveis consequências de contracção nos sectores económicos situados a jusante. Os grandes projectos, por outro lado, têm sido travados, impedindo-se assim a realização de importantes efeitos multiplicadores na economia da região. A estagnação económica origina a regressão social que se expressa no desemprego, emigração, envelhecimento da população, na diminuição dos seus rendimentos face ao nível médio verificado no nosso País».

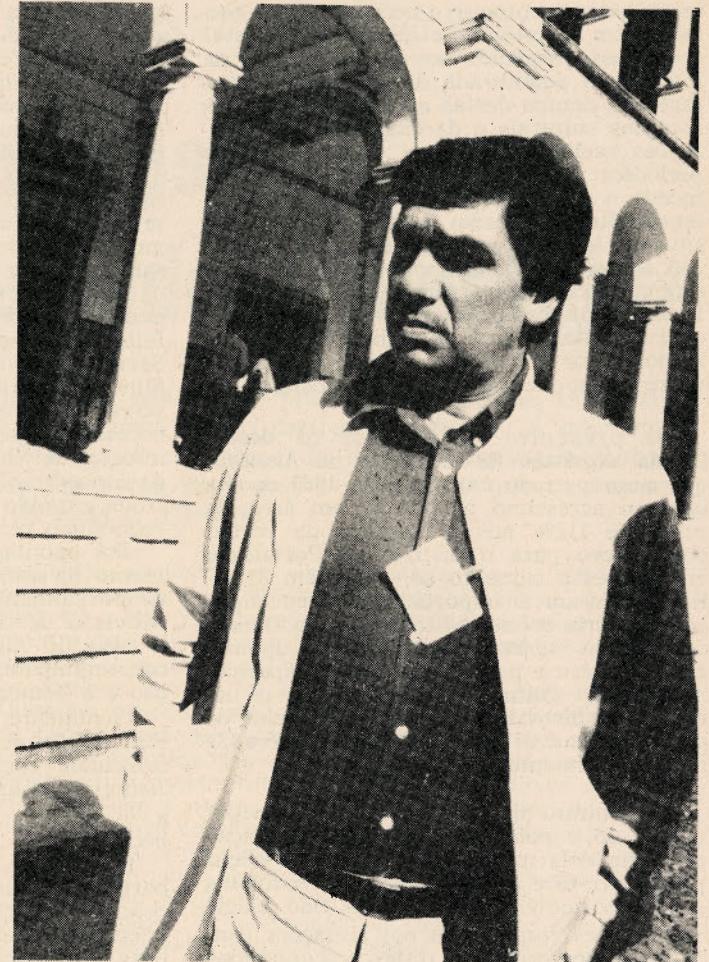
O membro da Comissão Promotora declarou que neste contexto adverso, destacava-se a acção das autarquias e em especial a sua interven-

grandes projectos de desenvolvimento a par dos seus investimentos em obras públicas. É de notar que o planeamento local tem constituído um suporte importante para esta acção e que se trata do único planeamento existente no país, impotente porém para resolver a sua crise económica».

ACÇÃO REIVINDICATIVA JUNTO DO PODER CENTRAL

A decisão política de uma efectiva regionalização foi ainda destacada por Andrade Santos. «A intervenção autárquica com vista à regionalização será decisiva — disse — não só em termos de criação de condições de base a partir do associativismo intermunicipal e da criação de articulações operativas entre associações distritais de municípios mas também mercê de uma activa e tecnicamente empenhada acção reivindicativa junto do Poder Central».

O orador afirmou que esta acção reivindicativa «é fundamental no momento presente. Cada vez mais os alentejanos sentirão que não é possível adiar a tomada de decisões políticas imprescindíveis para o progresso da região, para vencer a estagnação que a vai minando. Cada vez mais os alentejanos sentirão que não é possível tolerar que o Alentejo seja esquecido, desprezado, ignorado na repartição dos meios nacionais necessários para a concretização de políticas de expansão, grandes investimentos e transformações fundamentais. Cada vez menos os alentejanos admitirão que critérios estreitos de descrição política permitam ao Poder Central sub-



trair à Região os meios e decisões políticas necessários para vencer a estagnação económica, aplicar uma política de desenvolvimento e ganhar a aposta de um futuro condigno. Cada vez mais os alentejanos sentirão — e farão sentir ao Poder Central — que o futuro e a emigração não são já soluções aceitáveis, que o longe da esperança futura é aqui e agora, neste solo que pisam, nesta terra que é sua, e que quem livre e em progresso».

Andrade Santos, em nome da Comissão Promotora, terminou dizendo:

«O primeiro Congresso sobre o Alentejo permitiu-nos conhecer melhor a nossa Região, e perspectivar as vias do seu desenvolvimento.

Os alentejanos saberão exigir a concretização dessas perspectivas, e reconstruir a nossa Região».

«UM VELHO SONHO DA CASA DO ALENTEJO
No início da sessão de en-

cerramento usara já da palavra Domingos Xarepe, presidente da Direcção da Casa do Alentejo que sublinhou que o Congresso era a «concretização prática de um velho sonho» daquela associação regionalista. Reconhecendo que o forum de Évora trouxe «algo de novo» para o futuro da região e dos 300 mil alentejanos radicados na área da Grande Lisboa e Setúbal, Domingos Xarepe disse não ter dúvidas quanto ao empenhamento na concretização das tarefas e propostas apresentadas, «porque a nossa vontade, a nossa determinação, a nossa cultura e a nossa própria maneira de estar no mundo (...) nos dão força para aqui, no Alentejo, na Grande Lisboa, Setúbal ou em qualquer parte onde nos encontremos, incentivarmos a transformação livre e democrática para um Alentejo mais próspero e fraterno de modo a que jamais seja necessário dele sair para trabalhar e viver».

Mensagem do Canadá

Do Canadá veio expressamente para participar no Congresso sobre o Alentejo, Feliciano Estragadinho, dirigente da Casa do Alentejo de Toronto. Touxe até Évora as «mais cordiais saudações de amizade e de apreço pela realização deste Congresso tão importante à vida do Alentejo».

Feliciano Estragadinho lembra, a mensagem da sua associação, que «a nossa situação de emigrados, residentes a milhares de quilómetros da planície dourada, dificulta, de certa forma, a nossa acção e a facultade de estarmos actualizados e integrados das dificuldades que hoje rodeiam os alentejanos e o Alentejo. Continuamos porém sentindo na nossa alma de bons alentejanos aquela peculiar saudade característica do nosso povo. O desejo de um dia voltarmos à terra natal que tanto amamos é em nós uma constante. Sabemos contudo que este «sonho» só se realizará acaso este Congresso consiga «acordar» aqueles que são responsáveis pelos problemas que afectam a nossa região. Queremos um Alentejo mais próspero. Acreditamos que este Congresso sobre o Alentejo o venha a conseguir. Nós, alentejanos residentes no Canadá, apostamos neste Congresso».

II Congresso convocado para 1987

A anteceder o final dos trabalhos no Teatro Garcia de Resende, o presidente da Câmara de Elvas, Aníbal Franco, que presidia à sessão, dirigindo-se aos presentes, perguntou o que eles pensavam da possibilidade de a Comissão Promotora começar desde já a preparar o II Congresso sobre o Alentejo.

Uma longa salva de palmas dos congressistas foi a resposta. Pelo que, em 1987, o Alentejo será objecto de um novo largo debate. Porventura ainda mais interessante e incisivo daquele que neste fim de semana com tão grande êxito se realizou.



Eduardo Gómez

Diário do Alentejo

EDIÇÃO SEMANAL

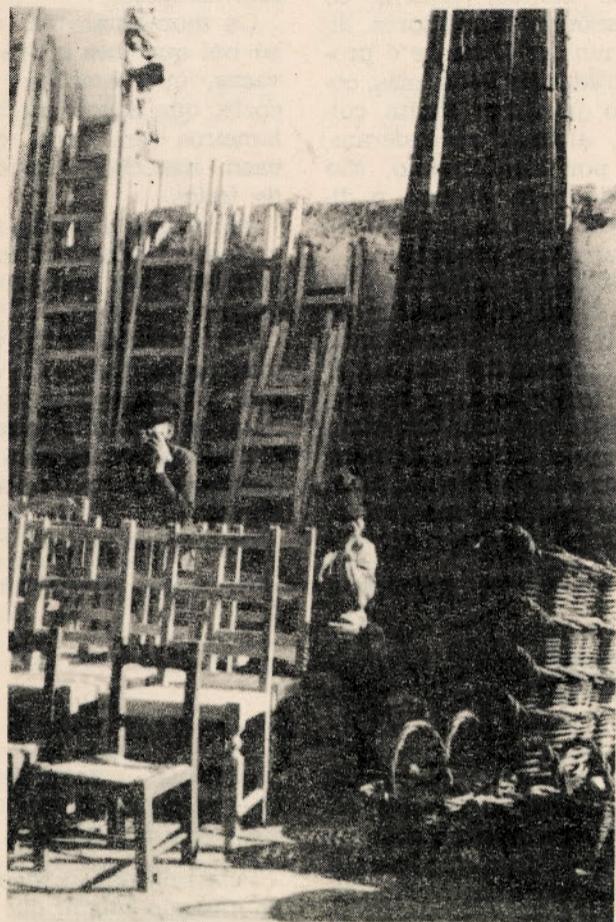
ANO LIV — II SÉRIE — N.º 185
PREÇO 25\$00

Jornal Regionalista Independente

Director JOÃO PAULO VELEZ



DE 8 A 14 DE NOVEMBRO DE 1985
PUBLICA-SE AS SEXTAS-FEIRAS



Todos os Santos ajudam à Feira de Alvito

■ PÁGINAS 8/9

Congresso sobre o Alentejo foi também encontro da arte

■ PÁGINA 11

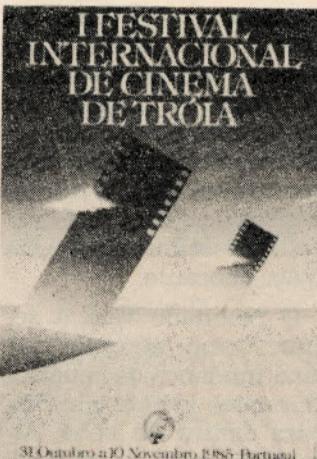
Estação de Almodôvar no Tribunal Constitucional

O PCP acaba de requerer ao Tribunal Constitucional a declaração de inconstitucionalidade da autorização dada em Março de 1984 pelo governo de Mário Soares à Administração Reagan para a instalação de uma estação de rastreio do espaço exterior em Almodôvar.

O recurso apresentado pelo grupo parlamentar comunista abrange os acordos de defesa celebrados entre o governo cessante português e o norte-americano envolvendo nomeadamente o chamado acordo técnico que «concede aos EUA colossais facilidades de utilização militar do território nacional» e ainda o acordo laboral relativo aos trabalhadores portugueses da Base das Lajes.

No que respeita a Almodôvar, o PCP defende que a autorização dada pelo Governo PS/PSD aos EUA — documento assinado pelo ex-ministro Jaime Gama e pelo ex-embaixador Allen Holmes — é inconstitucional já que todas estas matérias devem obrigatoriamente ser submetidas à Assembleia da República.

Integrada no chamado plano de «guerra das estrelas» de Reagan, a estação de Almodôvar deveria, segundo os planos dos EUA, ficar pronta 18 meses depois da autorização, ou seja, por esta altura. No entanto o pico do Mu, no alto da serra que separa o Alentejo do Algarve, continua exactamente como antes, estando apenas realizados no local os levantamentos topográficos.



O cartaz oficial do Festival e um dos filmes mais aplaudidos em Tróia: «Cotton Club», de Coppola

Festival de Tróia termina no domingo

■ PÁGINA 16

desporto
Grândola
já dispõe
de uma
pista
de cinza

■ PÁGINA 15

José Conduto regressa ao Alentejo cinco anos depois da morte

A exposição de José Conduto patente até hoje em Évora tem dois superiores significados, que importa registar. Em primeiro lugar, trata-se da primeira exposição — cinco anos após a sua morte! — que o Alentejo (onde Conduto nasceu, foi menino e adolescente) lhe dedica. Em segundo lugar, porque ainda hoje continua a ser um acto de coragem, num meio tantas vezes dominado pelo cabotinismo e pela mediocridade, erguer publicamente a Modernidade, a antecipação e o choque condensados em cada obra, em cada gesto de José Conduto.

Ao lado de trabalhos do seu «compagnon de route» José de Carvalho (outro alentejano, de Évora), a obra de José Conduto, perfilada no interior das paredes da Galeria da Rua das Fontes, é assim um sacerdor, um irrecusável convite ao confronto com um trajecto — um estilo, sem escolas — decisivamente voltado para «a experimentação e a descoberta de novos caminhos para a arte do nosso tempo».



Nascido numa aldeia perto de Beja (a Trindade), José da Conceição Figueira Conduto esboçou aqui, na pacatez da província, os passos primeiros que conduziram a sua arte a uma dimensão de luminosa grandeza, mas de severa incompreensão também.

Manuel de Sousa Tavares

Começou a expor «onde e quando quis», odiando sempre falar do passado. «Do futuro, o tempo dirá se falou» — lia-se no catálogo da Feira de Arte de Bolonha, onde participou em 1978.

Ao percorrer, hoje, a sua obra e a «mensagem» legada por José Conduto, o tempo não pode ter outra decisão senão reconhecer a antecipação (do futuro) de que uma e outra falaram.

Uma vida cheia, numa «viagem» curta. Demais!

Em 1970, Conduto inicia trabalhos de pesquisa de som, ao mesmo tempo que começa a dedicar-se a estudos sobre a cor e sobre o vídeo, no Instituto de Tecnologia Educativa.

Ainda nos anos 70, juntamente com António Palolo e José de Carvalho, intervém na primeira experiência colectiva de vídeo em Portugal: «A Khaxa Escolar». O minimalismo e o conceptualismo são apenas meras referências destramamente manipuladas pelo seu engenho.

A «performance» e a «body art» — meio e expressão, então praticamente desconhecidos, e ainda menos praticados, em Portugal — começam a ser, entretanto, o grande território da sua intervenção. O corpo é assumido como «o campo de forças onde se consumam todos os combates». (N)O seu também.

De permeio, entre o país e o estrangeiro, monta várias instalações. Em Bolonha, em Dusseldorf. E em Lisboa: «Três Triângulos e Som»; «Via» e (aquele que seria a sua derradeira experiência) «A Caixa de Música, o Silêncio como Filtro, a Cor do Tempo, o VTR como «medium», o Som de Philip Glass, a Luz, os Números como Evidência, Steve Reich, Outros Medium, Outras Histórias».

Para quem não teve a sorte de privar, de perto, com a sua obra e com a sua vida, esta exposição de Évora terá, ao menos, servido para fazer um pouco de luz sobre a permanência do trabalho de quem, afinal, tanto se questionou acerca do efémero.

Cinco anos depois da sua morte — com 30 anos —, o recado de José Conduto não empalideceu, nem perdeu vigor. Está vivo, eternamente!

Manuel de Sousa Tavares

PUB.

TECLASUL

UM NOME...

UMA GARANTIA...

- Equipamentos hoteleiros
- Montagem de supermercados
- Máquinas e móveis para escritório
- Móveis para restaurantes, cafés, bares e similares
- Estantarias

Sede e Secção de Equipamentos:
Rua 31 de Janeiro n.º 29 — Aljustrel — Telef. 6 23 20
Filial:
Rua Dr. Brito Camacho, 18-20 — Beja — Telef. 2 30 98

TRESPASSA-SE

Café-Pastelaria em Cuba.
Motivo à vista.

Informa secção de publicidade do «DA».

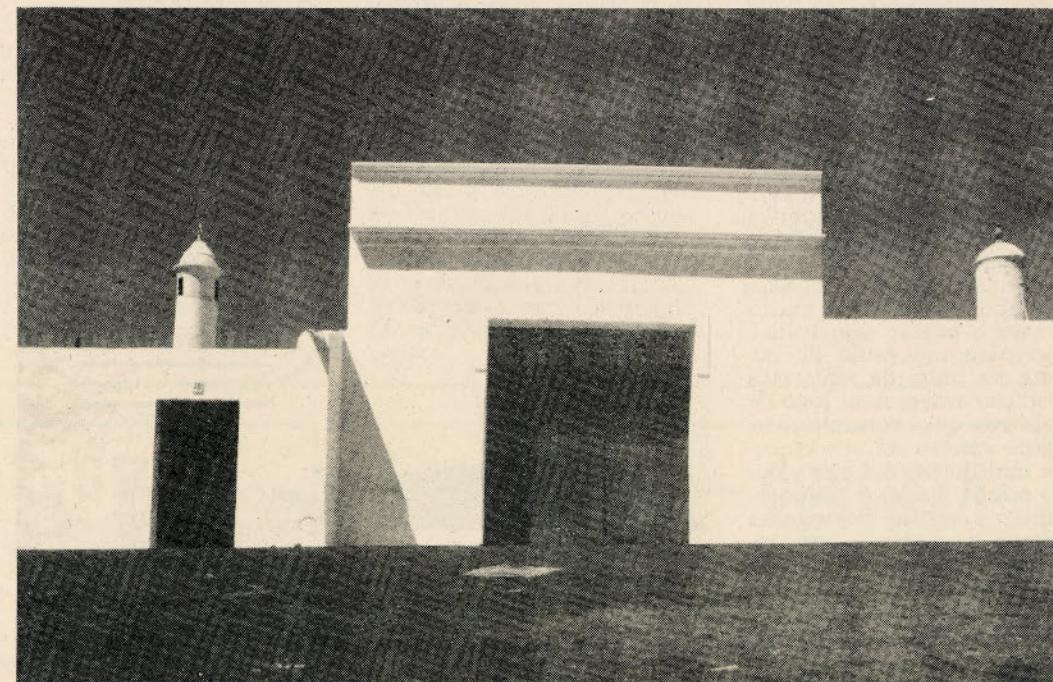
VENDE-SE

Casa no Penedo Gordo —
Rua C, n.º 11 (Moinho).
Informa na mesma morada.

Calvet, Gageiro, Cunha — o Alentejo é uma imensa fotografia



Nuno Calvet



Eduardo Gageiro



António Cunha

Uma das mais interessantes manifestações culturais que preencheram o programa «paralelo» do Congresso do Alentejo, realizado em Évora, foi, sem dúvida, a exposição colectiva de fotografia, em que interviveram Nuno Calvet, Eduardo Gageiro e António Cunha. Sensibilidades diversas, uma mesma temática: o Alentejo. O Alentejo retratado na singularidade da sua luz, da sua arquitetura, na intimidade dos seus recantos e gestos, na força telúrica dos seus infundáveis horizontes e rostos.

António Cunha, fotógrafo bejense, disse um dia que «o Alentejo só quando quer é que se deixa fotografar». Ao mergulhar nesta peregrinação de encantamento, que constituiu a exposição de Évora, poder-se-ia acrescentar às palavras de Cunha que, quando quer — e o talento sabe corresponder-lhe — o Alentejo é uma fotografia imensa, infinita nas descobertas que proporciona, no confronto que provoca, na beleza que nos segreda. Três exemplos aqui ficam — dispensando a palavra.